

Metodologia

(Re)pensando o fazer pedagógico 2023/2024



Prefeito

Gustavo Henric Costa

Secretário de Educação

Alex Viterale

Subsecretária de Educação

Fábia Costa

Diretora do Departamento de Orientações

Educacionais e Pedagógicas - DOEP

Solange Turgante Adamoli

FICHA TÉCNICA

Centro Municipal de Educação a Distância Maria Aparecida Contin - CEMEAD

Coordenação Geral

Patrícia Cristiane Tonetto Firmo

Autoria

Juliana Cordeiro Batista, Maiara Ariana Silva Paula, Regiane dos Santos Costa, Silene de Freitas Oliveira Polari, Talita Ingrid Costa Matos, Thaís Maier de Jesus.

Equipe CEMEAD

Adriana Hollais Santos, Alex Cabral de Pontes, Angélica Aparecida de Oliveira, Bárbara Luísa de Souza Vieira, Cristiane Inocencio, Daniel Alexandre da Silva Coutinho, Daniele Araujo Brum, Débora Rosangela Philomeno Caputi, Dosília Espirito Santo Barreto, Eliane de Siqueira, Evelyn Maia Souto, Fabiana de Almeida Melo, Fabiana Soares, Flávia Aparecida Ferretti de Lima, Giuliane Almeida Cubas Lipolis, Juliana Cordeiro Batista, Juliana Portella de Freitas, Leila Macedo Oliveira, Lilian Fernandes Negreiros de Oliveira, Luciana Caliente de Souza, Maiara Ariana Silva Paula, Marcilene de Jesus Elvira, Maria Gabriella de Souza, Patricia Cristiane Tonetto Firmo, Patricia Macieira de Souza, Raquel Carapello, Raquel Guidini Rezende, Regiane dos Santos Costa, Sergio Henrique de Santana, Silene de Freitas Oliveira Polari, Silvia Piedade de Moraes, Simone Dultra Cordeiro Dantas, Talita Ingrid Costa Matos, Tatiane Campos dos Santos, Thaís Andrea de Carvalho Calhau, Thaís Maier de Jesus, Verônica Freires da Silva.

Revisão de Texto

Flávia Aparecida Ferretti de Lima

Cidades Educadoras

Ana Paula Lucio Souto Ferreira

Carta ao leitor

É com imensa satisfação e alegria que publicamos esta revista produzida pelo Centro Municipal de Educação a Distância Maria Aparecida Contin - CEMEAD.

Esta revista traz as temáticas abordadas no curso Metodologia (re)pensando o fazer pedagógico, oferecido em 2023 e 2024 pelo CEMEAD, com o objetivo de fomentar reflexões e experimentações sobre diferentes estratégias e metodologias relacionadas ao fazer pedagógico em sala de aula, que podem potencializar o processo de ensino e aprendizagem, considerando a centralidade do educando e o seu protagonismo.

Assim como a sociedade, a educação também vem passando por transformações ao longo dos anos, o que exige adaptação. Ser professor hoje em dia, não é nem mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas, mas é certamente diferente, nos trazendo a necessidade de refletir ainda mais sobre nossas práticas.

Convidamos você para conhecer também toda a coleção de publicações do CEMEAD 2020, disponível no Portal da Secretaria de Educação Municipal de Guarulhos.

Desejamos a todos uma inspiradora leitura!

Equipe CEMEAD



SUMÁRIO

05

Por que (ainda) falar sobre metodologia?

15

Mediação pedagógica: provocações e fundamentos

23

Escuta, intencionalidade e avaliação, o que isso tem a ver com metodologia?

31

Novas pedagogias, novas abordagens e o fazer pedagógico

48

Trabalho em grupo: Por que e quando propor?

58

Materializando a prática: documentação e registros

64

Referências

Por que (ainda) falar sobre metodologia?

A metodologia permeia as tomadas de decisões e ações docentes o tempo todo, dentro e fora da sala de aula. Ela aparece na intencionalidade pedagógica, na interação, nas vivências e experimentações durante todo o processo de aprendizagem. Isso, partindo da premissa que, enquanto docentes, sempre temos uma intencionalidade para aquilo que propomos na aula.

Em um currículo integrado, a metodologia está presente e auxilia na construção de caminhos, ou seja, ela também pode ser o ponto de partida para conhecer a realidade do ambiente no qual a escola está inserida e a realidade dos educandos.

Sabemos que o ser humano aprende o tempo todo, e a escola é um espaço privilegiado para que os educandos tenham contato com uma diversidade de assuntos que vão desafiar e provocar a curiosidade. O papel do professor, neste sentido, é muito importante, uma vez que o planejamento deve ter um olhar diferenciado e cauteloso ao pensar nas ações, que ocorrerão de acordo com sua concepção metodológica, o que dará suporte à prática educativa.

METODOLOGIA, PARA QUE TE QUERO?

A metodologia faz parte da dimensão estratégica do planejamento, sua aplicabilidade está condicionada a aspectos como a concepção pedagógica e estruturação de intencionalidade, atreladas aos objetivos desenhados pela percepção das necessidades dos educandos.



Fonte: Portal SE, 2022.

Você já refletiu sobre como suas concepções de educação direcionam o seu fazer pedagógico, levando em consideração quem é enquanto professor, no que você acredita e que sujeito quer a judar a formar?


Durante a leitura você irá notar que utilizamos os termos educador e professor, educando e aluno. Optamos por utilizar **educador** e **educando** seguindo a concepção de educação de nossa Rede e, **professor** e **aluno**, de acordo com as referências utilizadas.

No quadro abaixo, ilustramos a relação entre a ação docente, a metodologia e a concepção de educação do professor:



A Proposta Curricular - Quadro dos Saberes Necessários (2019) está pautada numa concepção de educação integral que tem como fundamento o direito à aprendizagem e o desenvolvimento do protagonismo dos educandos.

É fundamental lembrar que é a metodologia (o “como”) que vai direcionar o fazer pedagógico e norteará os objetivos e as ferramentas que utilizaremos para contribuir na construção das aprendizagens. Cabe aqui um adendo muito interessante e indissociável à prática educativa: a motivação e o querer bem, elementos que vão despertar no educando a curiosidade, desejo de aprender e comprometimento para com os assuntos abordados em sala de aula.



Você consegue notar o quanto sua prática pedagógica e a metodologia que utiliza estão pautadas na concepção expressa pelo QSN (2019)?

SOBRE SER PROFESSOR



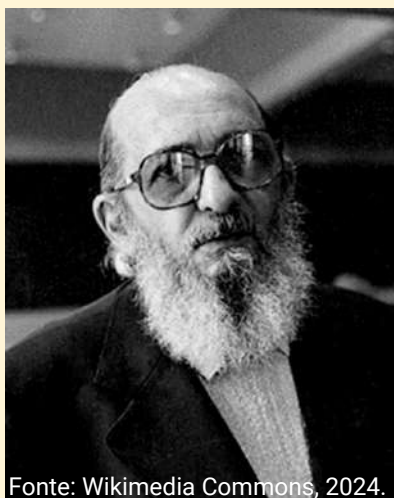
A beleza existe em todo lugar. Depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade; depende do nosso cuidado. A beleza existe porque o ser humano é capaz de sonhar.

(Gadotti, 2011, p. 17).

Ser professor é estar voltado a emancipar pessoas, lutar contra a exclusão social, organizar o trabalho de forma a favorecer aprendizagens para si e para os educandos. É acreditar e atuar para um mundo melhor para todos.

Historicamente falando, o professor deixou de ser um mero transmissor de conhecimento para tornar-se um mediador, com o envolvimento ativo dos educandos e com aprendizagem colaborativa.

O professor deve ter a consciência de ter sua própria aprendizagem de forma contínua, sempre com vistas ao atendimento das necessidades dos educandos, bem como o respeito às suas especificidades, habilidades, modo de vida e interesses pessoais, incorporando a tecnologia às suas práticas, tendo consciência de que a educação é um direito de todos, por isso, deve ter ciência das dimensões humanas, porque educação é ação humana.



Fonte: Wikimedia Commons, 2024.

É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes, fortes, dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. [...] **Lido com gente, não com coisas.** (Freire, (2015, p. 141). (grifo nosso).

A ESCUTA QUALIFICADA E O QUERER BEM AOS EDUCANDOS



A minha abertura ao querer bem significa a minha disponibilidade à alegria de viver. Justa alegria de viver, que assumida plenamente, não permite que me transforme num ser “adocicado” nem tampouco num ser arestoso e amargo.

(Freire, 2015, p. 138).

Querer bem aos educandos está relacionado ao respeito, ao afeto e à valorização do ser humano, já que ser professor não está relacionado à simples transmissão de conteúdo teórico, mas sim, está relacionado com o desenvolvimento integral do educando, o que acontece também por meio da compreensão, do diálogo e principalmente do amor (na perspectiva freireana). É a construção de uma educação baseada na esperança e na transformação do sujeito e depois, da sociedade.

O querer bem traz não somente ao professor, mas a escola como um todo a responsabilidade de respeitar os saberes já construídos pelos educandos, inclusive (claro!) os que encontram-se nas mais diversas situações de vulnerabilidade, afinal, todos possuem saberes socialmente construídos a partir da realidade de sua comunidade.

O professor precisa conhecer e reconhecer a trajetória dos educandos, suas vivências, sua realidade social e cultural para que assim, seja possível estabelecer relações entre os saberes curriculares e o conhecimento de mundo. Nesse processo complexo, a escuta qualificada pode ajudar já que ela é uma forma de comunicação ativa que envolve respeito, empatia e tolerância, visando um ambiente agregador, construtivo e livre de preconceitos.

Por fim, reiteramos que a expressão “querer bem aos educandos” refere-se ao compromisso de educar incluindo, valorizando e respeitando, pois segundo Paulo Freire “[...] a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança, ou, lamentavelmente, da permanência do hoje (Freire, 2015, p.140).

A escuta qualificada pode ser entendida como um direito de todos e que, direta ou indiretamente, tem influência no processo educativo.



INSISTIR NO SEGURO OU ARRISCAR O NOVO?



- O que é ser professor hoje?
- Ser professor hoje, é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também, formam pessoas.

(Gadotti, 2011, p. 26).

Assim como a sociedade, a educação também passou por transformações ao longo dos anos, o que exige adaptação. Ser professor hoje em dia, não é nem mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas, mas é certamente diferente. Com a velocidade com que as informações circulam, envelhecem e desaparecem, e com um mundo em constante transformação, o papel do professor tem mudado, tanto na tarefa de educar quanto na condução da aprendizagem e na própria formação (Gadotti, 2011).

O autor relata, ainda, as consequências dessas mudanças no contexto escolar:

As consequências para a escola, para o professor e para a educação em geral são enormes: ensinar a pensar; saber comunicar-se; saber pesquisar; ter raciocínio lógico; fazer sínteses e elaborações teóricas; saber organizar o seu próprio trabalho; ter disciplina para o trabalho; ser independente e autônomo; saber articular o conhecimento com a prática; ser aprendiz autônomo e a distância.
(Gadotti, 2011, p.24).



Considerando esse contexto, não é incomum professores, muitas vezes, não saberem quais caminhos seguir, quais as melhores escolhas para o seu fazer pedagógico ou ainda quais metodologias adotar.

E aí, deparam-se com o dilema: insistir nas práticas que lhes trazem segurança ou arriscar novas estratégias?

Com a facilidade de acesso e velocidade da informação, algumas metodologias tradicionais não fazem mais sentido.

A escola padronizada, que ensina e avalia a todos de forma igual e exige resultados previsíveis, ignora que a sociedade do conhecimento é baseada em competências cognitivas, pessoais e sociais, que não se adquirem da forma convencional e que exigem proatividade, colaboração, personalização e visão empreendedora. Os métodos tradicionais, que privilegiam a transmissão de informações pelos professores, faziam sentido quando o acesso à informação era difícil. Com a Internet e a divulgação aberta de muitos cursos e materiais, podemos aprender em qualquer lugar, a qualquer hora e com muitas pessoas diferentes. Isso é complexo, necessário e um pouco assustador, porque não temos modelos prévios bem sucedidos para aprender de forma flexível numa sociedade altamente conectada.

(Moran apud Almeida & Valente, 2015, p. 16).

Para lidar com esse novo cenário, as metodologias de ensino precisam acompanhar os objetivos educacionais. Se desejamos que os educandos sejam proativos, é necessário adotar abordagens que os envolvam em atividades nas quais tenham que tomar decisões e avaliar resultados, com o apoio de materiais relevantes. Se queremos estimular a criatividade, precisamos incentivar e buscar estratégias que estimulem essa característica (Gadotti, 2011). Nesse sentido, metodologias ativas são uma opção, pois envolvem pesquisa, elaboração de projetos, resolução de problemas e necessitam que os papéis tanto do professor quanto do educando sejam diferentes dos papéis que ocupavam outrora, na educação transmissiva.

Para saber mais

Acesse a publicação “Metodologias Ativas: espaços e processos de aprendizagem” (Guarulhos, 2021). Clicando no QR Code:



SERÁ QUE TODAS AS PRÁTICAS QUE ACONTECEM NAS ESCOLAS SÃO TRADICIONAIS, NÃO INOVADORAS E TRANSMISSIVAS?

A resposta para essa pergunta é não!

Certamente, você já realizou trabalho em grupo com os educandos, solicitou uma pesquisa ou até mesmo criou um projeto bem bacana. Todas essas atividades não podem ser consideradas tradicionais, no entanto, precisamos ressaltar que o *como* desenvolvemos cada proposta é que de fato vai tornar nossa estratégia uma metodologia que revela essa ou aquela concepção. Interessante, não é mesmo?! Não podemos nos esquecer de que nossas metodologias precisam dialogar com a concepção de educação da rede, com os nossos objetivos e com o sujeito que queremos formar.

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa.

(Moran, 2015, p.17)

METODOLOGIA: “FECHANDO” O CONCEITO

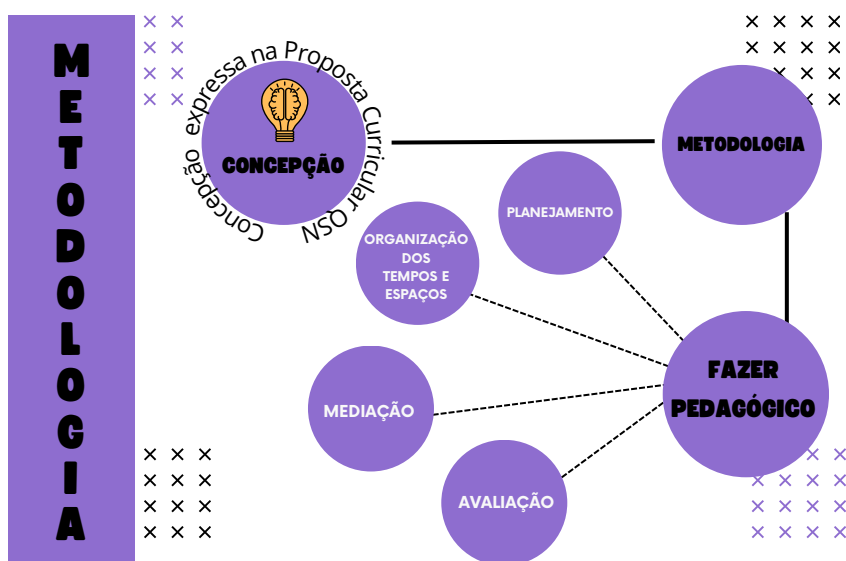
A metodologia pedagógica refere-se ao conjunto de abordagens, técnicas, estratégias e práticas que se utiliza no processo de ensino e aprendizagem, com o objetivo de promover e possibilitar a construção de conhecimento por parte dos educandos. Desse modo, a metodologia é fundamental para criar um ambiente educador que busca promover o desenvolvimento intelectual, social e emocional dos educandos, ou seja, pautado numa concepção de Educação Integral.

As escolhas metodológicas podem variar de acordo com diversos fatores, incluindo Etapas e Modalidades de educação (Educação Infantil, Ensino fundamental, Ensino Médio, Educação a Distância, área do conhecimento), o perfil dos educandos, suas vivências, a comunidade na qual estão inseridos, as concepções de educação do professor, bem como o sujeito que se deseja formar.

Vale lembrar que a escolha da metodologia adequada é crucial para garantir uma aprendizagem de qualidade, na qual os objetivos possam ser alcançados. Para isso, a metodologia deve ser bem projetada e bem executada.

A partir das reflexões feitas até aqui, percebemos como as escolhas metodológicas refletem as concepções de ensino, norteiam as escolhas de estratégias e permeiam todo o fazer pedagógico, consolidando assim nossa metodologia.

O Mapa Mental abaixo representa a consolidação do conceito de metodologia:



Pense nisso...

A concepção pedagógica e a metodologia dialogam com a construção da identidade do educador e a ação docente. As práticas desenvolvidas no cotidiano escolar imprimem as nuances do nosso legado profissional, assim, essas marcas, vão reverberar na vida dos educandos. Por isso a importância de pautar nossa concepção pedagógica e metodologia em práticas mais humanizadas. Desta forma, o fazer pedagógico revela a concepção de educação que se tem, e ela se manifestará na metodologia. São nas estratégias escolhidas no planejamento, na organização do tempo e espaços, nas mediações realizadas e nas avaliações propostas que se expressa essa concepção.

E agora, gestor?

POR QUE (AINDA) FALAR SOBRE METODOLOGIA COM GESTORES ESCOLARES?



A compreensão do papel gestor frente aos processos de ensino e de aprendizagem, pode interferir de modo a colaborar ou não com as ações pedagógicas dos professores.

Se de um lado, professores e educandos devem coletivamente desenvolver metodologias que favoreçam a aprendizagem, de outro lado, a equipe gestora deve oferecer meios e repertoriar a partir de ações formativas, para que isso aconteça de modo efetivo.



Sabe-se que não são apenas as metodologias que farão a escola “evoluir”, no entanto as metodologias representam a decisão docente no que se refere ao caminho que será percorrido para o alcance das aprendizagens dos educandos.

Esse estudo é relevante para todos os atores da educação escolar, mas principalmente para os que atuam na gestão da escola. É fundamental que a equipe gestora tenha como foco das suas ações o fazer pedagógico e a partir destas ações construir junto com a equipe docente um processo de gestão cada vez mais próximo da sala de aula.

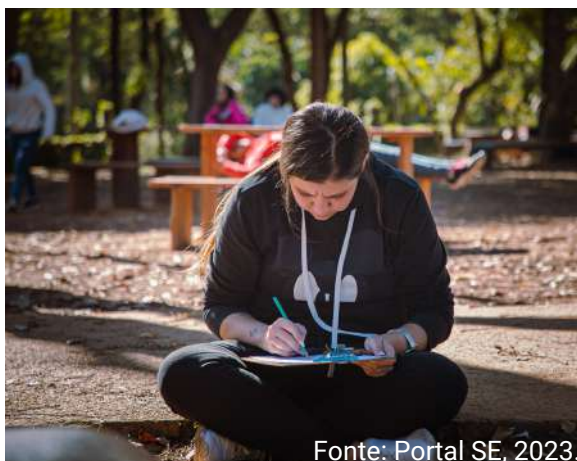
Fonte: Portal SE, 2020.

Discorrer sobre ações metodológicas, não é tarefa fácil ou simples... muito pelo contrário, envolve sensibilidade e criticidade.

Você sabe por quê?

Porque falar sobre metodologia é jogar luz sobre um dos principais aspectos da profissionalidade docente, a prática pedagógica realizada pelo professor.





Fonte: Portal SE, 2023.

A prática pedagógica, é o trabalho profissional do professor. É a realização diária do campo profissional, é o que o torna professor. O trabalho docente valida socialmente sua pertença a profissão e revela a realização maior de uma trajetória de desafios e conquistas. Aqui deve-se acrescentar o contexto em que esta prática é realizada, pois a prática pedagógica está imersa em condições, organizações e características específicas de trabalho, em espaços e tempos diversificados, em circunstâncias de formação, em uma perspectiva de um Projeto Político Pedagógico, e dentro de uma realidade escolar única.

A metodologia neste sentido, é o “jeito que o professor dá aula”, é o como o professor realiza a prática pedagógica. Isso quer dizer que, ao tratar de metodologia, o gestor evidenciará detalhes do fazer docente, trará em destaque aspectos específicos do trabalho do professor.

Firmado na afirmativa de que a “metodologia é o caminho para atingir um objetivo” (Libâneo,1994), o papel gestor na tratativa das ações metodológicas, alcança um alto patamar de importância nos processos de ensino e aprendizagem.



Fonte: Portal SE, 2023.



Fonte: Portal SE, 2023.



A metodologia de ensino direciona a atuação dos professores em sala de aula. E de certa forma, determina o modo como os educandos produzirão conhecimento.

Para reconhecer o papel gestor frente a metodologia desenvolvida nos espaços da escola, em principal, na sala de aula, é necessário compreender a relevância do olhar analítico do gestor sobre a prática pedagógica.



A primeira pista para te auxiliar na busca desta compreensão é:

- Metodologia de ensino refere-se à especificidade da prática docente.

Isto significa que para analisar com criticidade, é essencial a familiaridade com a prática pedagógica desenvolvida individualmente pelos professores da escola onde você atua como gestor. A questão norteadora que se respondida afirmativamente, te respaldará é: Você sabe descrever como cada um dos professores, ensina aos educandos?



A segunda pista vem para te ajudar na transformação da realidade pedagógica vivenciada na sala de aula:

- Metodologia de ensino requer decisão e ação docente.

A partir desta afirmação, fica entendido que “o jeito de dar aula”, é configurado por um conjunto de intenções que se tornam realidade de modo processual. Tais decisões e ações estão para além das preferências pessoais e da pura razão instrumental (eficácia, produtividade e maximização dos resultados). Elas precisam ser fundamentadas nos saberes relativos ao desenvolvimento humano e produção de conhecimentos.



E a terceira pista é:

- Metodologia de ensino é a realização do que foi proposto no planejamento.

Enquanto gestor, é importante que você entenda que o professor ao direcionar o processo de ensino em função das aprendizagens dos educandos utiliza, intencionalmente, um conjunto de procedimentos que pode ser constituído por um vasto e legítimo repertório pedagógico ou por uma compreensão particular sobre a prática educativa. Para possibilitar aos docentes e educandos um percurso metodológico que resulte em aprendizagens, é essencial a atividade colaborativa e cooperativa da equipe gestora, promovendo os meios, problematizando os procedimentos e repertoriando por meio dos processos formativos.



Gestor, lembre-se que a condução do seu trabalho na gestão escolar também é direcionado por uma metodologia.

Conquiste, todos os dias, tempos, espaços e conhecimentos para realizar o movimento de reflexão e transformação da realidade.

Mediação pedagógica: provocações e fundamentos

AFINAL, O QUE É MEDIAÇÃO?

A mediação pedagógica pode ser considerada uma **abordagem intencional docente para promover a interação entre educandos, educadores e aprendizagens**, de forma a potencializar o processo educativo, reconhecendo a importância do protagonismo do sujeito em sua própria jornada de aprendizagem. Porém, é importante marcar que a mediação não acontece somente nos espaços escolares, ela acontece em diversas situações para a vida em sociedade!

Além disso, a apropriação de conhecimentos promove o desenvolvimento do sujeito, possibilitando que este transforme a si mesmo e ainda seu entorno social. De acordo com Silva e Gasparin (2020, p. 49):

O processo de mediação pedagógica vai além da perspectiva de interação, pois seu maior objetivo é fazer com que a criança, o sujeito, saia de um estado de conhecimento informal, apropriado e experienciado no cotidiano, por meio de sua relação com o meio e com os outros sujeitos históricos, e passe a um estado de apropriação dos conhecimentos sociais, culturais, científicos e historicamente produzidos pelo homem ao longo do seu processo de humanização.



Fonte: Portal SE, 2023.

Nesse sentido, o docente é fundamental para fazer com que os educandos passem do conhecimento informal ao conhecimento científico, pois é ele (o docente) quem vai organizar e sistematizar os saberes - por meio do planejamento, proporcionando que o educando construa suas aprendizagens. Essa não é uma organização qualquer. Como cita Gadotti (2011, p.24 e 25):

[...] o professor é muito mais um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. **Não confundir “mediador” com “facilitador”**. As máquinas, os meios, os computadores, são facilitadores. O professor é um dirigente. Mais do que um facilitador, é um problematizador; sua função é político-pedagógica. O aluno precisa construir e reconstruir conhecimento a partir do que faz. (grifo nosso).

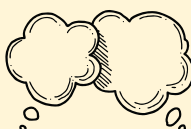
Para que consiga desempenhar com qualidade seu papel de mediador, o docente precisa conhecer seus educandos e assim, entender quais são suas dificuldades, potencialidades e interesses; procurando a melhor forma de apresentar os conhecimentos escolares. Justamente por isso, é que a **mediação precisa ser intencional e planejada!** Além disso, deve saber fazer boas perguntas, ou até mesmo, provocar boas perguntas por parte de seus educandos, para que sintam-se estimulados a buscar outras fontes de informação, consolidando assim as aprendizagens construídas.

A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO POSITIVO NO PROCESSO DE MEDIAÇÃO



O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico.

(Freire, p. 34. 1996).



Pense no ambiente escolar, em sua trajetória enquanto estudante. Volte bastante no tempo... qual a primeira lembrança, imagem, cheiro ou som que te vem à mente?

Talvez uma risada, um momento de brincadeira coletiva, uma música... São muitas lembranças e no final de cada ano letivo acabamos levando um pouco de cada pessoa com a qual convivemos. Coração de professor é terra fértil, que planta amor, generosidade e carinho!

No entanto, nem sempre foi assim. Ao longo da história da educação, o professor em sala de aula adotava posturas rígidas e que rompiam com qualquer vínculo com os educandos, sendo o educador representado como uma pessoa autoritária, e o medo a única ponte entre educador-educando. Por isso, é essencial diferenciar autoritarismo de autoridade docente. Uma vez que o autoritarismo é caracterizado pela ausência de liberdade, negação da escuta do diferente; o inverso da autoridade docente, que é a responsabilidade na condução da aprendizagem.

Levando em conta a concepção de educação freireana expressa por meio do QSN (2019), na qual exige cuidado, bem-estar, respeito mútuo e humanização no processo de ensino e aprendizagem, uma posição mais rígida (autoritária) pode acarretar em traumas que o educando pode levar para o resto de sua vida.

Segundo Dantas (2019, p. 131), “na psicogenética de Henri Wallon, a dimensão afetiva ocupa um lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento”. É nos contextos humanizados que os vínculos afetivos se estabelecem e quando essa dinâmica ocorre, a aprendizagem passa a ser mais significativa, o educando mais seguro devido às relações serem amparadas pelo companheirismo, respeito e confiança. Elementos que buscam fundamentar a formação de sujeitos na perspectiva da Educação Integral, na qual também está pautado o QSN (2019).

Portanto, quando mediamos o processo de aprendizagem estamos preparando os caminhos e contribuindo para que todos possam ter um ponto de apoio e segurança durante a construção da sua trajetória de aprendizagens.



Algumas possibilidades para criar vínculos:

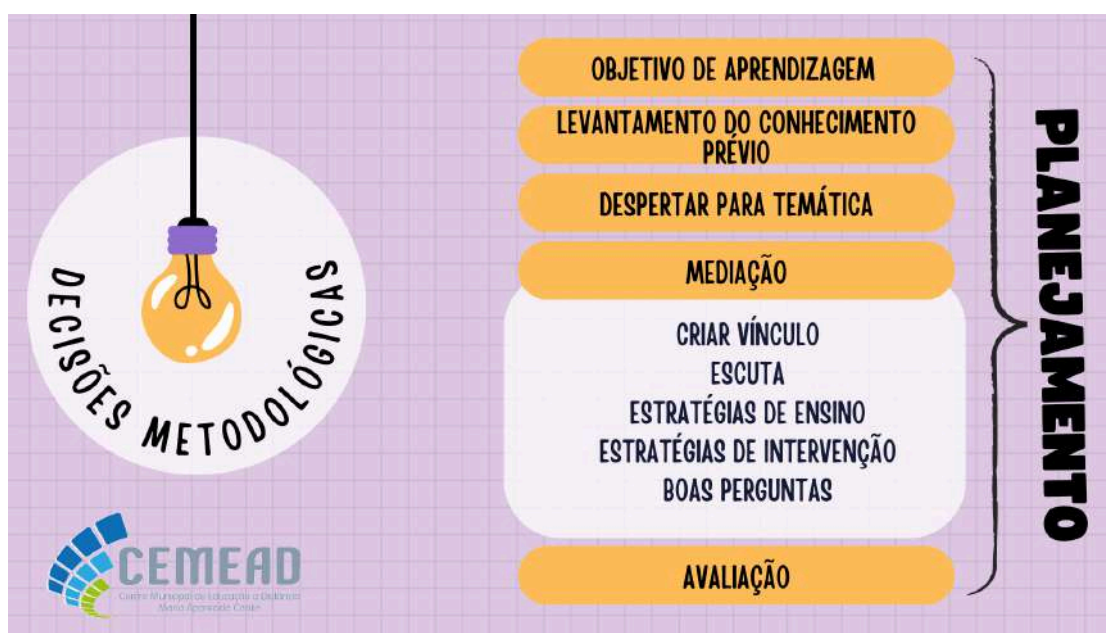
- Roda de conversa com voz e vez.
- Dar atenção às questões e reivindicações das crianças.
- Escuta sensível, afetiva e ativa.
- Demonstrar curiosidade nas narrativas dos educandos.
- Realizar perguntas intencionais, que busquem conhecer os educandos.
- Assembleias e Conselhos (ou “conselhinhos”).
- Estabelecer um momento na rotina, especialmente direcionado ao diálogo.
- Proporcionar oportunidades para que os educandos exercitem o falar quando for sua oportunidade e ouvir o outro.
- Propor atividades nas quais haja espaço para comunicação entre todos e entre os pares.
- Realização de debates, seminários, apresentações (oralidade, falar em público).
- Realizar leituras/contação de histórias e afins com temáticas sobre nomear os sentimentos, expressar o que sente etc.

VOCÊ JÁ PAROU PARA PENSAR QUE A MEDIAÇÃO TAMBÉM PRECISA SER PLANEJADA?



São a educação e o ensino meios que se propõem ajudar o homem a enfrentar a sua problemática existencial para que tenha condições de aprender a viver melhor. Sendo assim, a educação, o ensino e toda ação pedagógica devem ser pensadas e planejadas de modo que possam propiciar melhores condições de vida à pessoa.

(Menegolla; Sant'Anna, 2011, p. 10).



Planejar é refletir sobre o ponto de partida, sobre qual ou quais objetivos precisam ser alcançados, quais recursos serão utilizados, qual será o fazer pedagógico e por fim, como e o quê avaliar, tendo em mente o objetivo que foi proposto.

É preciso considerar que o planejamento deve prever o quê, o porquê (intencionalidade) e, principalmente, como serão desenvolvidas as atividades, tendo sempre a mediação como fio condutor.

O planejamento da mediação pedagógica envolve a cuidadosa seleção de estratégias destinadas a orientar o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Isso inclui a consideração de quais questões chave serão utilizadas como pontos de partida para a abordagem do tema, bem como a forma como os questionamentos serão elaborados a fim de incentivar os educandos a refletir e construir seu próprio conhecimento.

É importante notar que, muitas vezes, esses detalhes específicos nem sempre são percebidos durante o processo de planejamento, embora desempenhem um papel crucial no sucesso da mediação pedagógica!

Deixar essas decisões para serem tomadas apenas no momento da prática pode resultar em discussões menos enriquecedoras com a turma, por exemplo. Isso ocorre porque, quando estamos diante da turma, somos confrontados com diversas demandas e distrações que podem desviar o nosso foco do processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, antecipar e deliberar sobre essas escolhas antes da execução prática é essencial para garantir uma mediação pedagógica eficaz, pois permite que o educador esteja preparado para conduzir a discussão de forma mais organizada e direcionada, maximizando assim o potencial de aprendizagem.

Pense nisso...

A intencionalidade e a mediação são ações docentes definidas como meios de proporcionar e promover aos educandos a interação e problematização com o objeto de estudo. Aqui destacamos a importância do planejamento flexível, com a incumbência de caminhar junto com a intencionalidade e os aspectos da mediação, proporcionando espaços onde o educando seja protagonista na construção de novas aprendizagens, à luz do QSN (2019). O docente precisa conhecer seus educandos e assim, entender quais são suas dificuldades, potencialidades e interesses para planejar as melhores propostas de aprendizagem. Mediar o processo de aprendizagem é preparar os caminhos contribuindo para que todos possam ter um ponto de apoio e segurança durante a construção da sua trajetória de aprendizagens. Desta forma pode-se definir a mediação pedagógica como sendo uma forma de abordagem intencional que parte do docente com o objetivo de promover/potencializar a interação; escutar de forma sensível, afetiva e ativa; demonstrar curiosidade nas narrativas dos educandos; realizar perguntas intencionais, que busquem conhecer os educandos. O docente é fundamental nesse processo, para fazer com que os educandos passem do conhecimento informal ao conhecimento científico, por isso é necessário elaborar um planejamento com intencionalidade. Sobre a interação é válido ressaltar que interação é essa: é entre os sujeitos, entre o sujeito e o meio, e entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Nessa perspectiva, então, medeia-se para construir uma “ponte” a qual o educando possa atravessar, avançando na construção do conhecimento.



E agora, gestor?

QUEM ESCOLHE A METODOLOGIA UTILIZADA NA SALA DE AULA?

A estruturação da aula reflete o entendimento que gestores e professores têm sobre o processo de ensino. Estruturação é a organização na qual a aula acontece e, por isso, tem ligação direta com a metodologia de ensino.

Toda atividade docente implica um modo de ser realizada e envolve uma sequência de ações para alcançar um objetivo educacional.

E aqui vale destacar que as ações consistem na ativa participação de professores, educandos e gestores. Estas ações são realizadas dentro de um processo sistemático, denominado processo de ensino e aprendizagem.

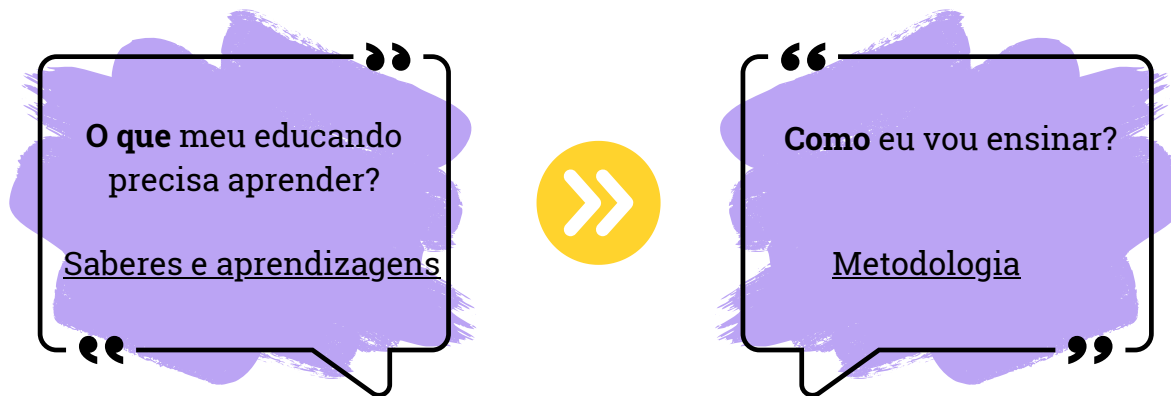
A atividade docente é intencional e planejada conscientemente para atingir a aprendizagem do educando.

O modo de realizar a atividade docente revela uma escolha metodológica.

Mas quem faz esta escolha?

A metodologia, assim como todos os aspectos da ação educativa, deve ocorrer com **centralidade no educando**. Isso quer dizer que na prática pedagógica, a metodologia de ensino não deve ser uma escolha exclusiva do professor, ou uma escolha específica da ação diretiva da equipe gestora, mas necessariamente precisa ser, uma escolha responsável e consciente realizada por meio da análise crítica dos saberes e aprendizagens que se pretende que o educando aprenda.

Metodologia é determinada pela relação aprendizagem-intencionalidade e refere-se, ao “como” do processo de ensino, englobando as ações a serem realizadas pelo professor e educandos para atingir as aprendizagens discentes e os objetivos docentes (Libâneo, 1994).



A metodologia está à serviço da construção de aprendizagens, portanto **é uma escolha político-pedagógica** e, neste sentido, implica uma sucessão de ações, tanto dos professores e educandos quanto dos gestores.

Em sentido geral, é possível pensar que cada um dos sujeitos oferece subsídios para a escolha metodológica:



Fonte: Portal SE, 2022.

Educandos: têm por atividade principal, a **Aprendizagem**. De maneira efetiva no ambiente escolar, o aprender acontece quando, por meio da influência do professor, são mobilizados processos cognitivos, sendo assim, a metodologia influi na forma que o educando constrói conhecimento. As necessidades expressas pelos educandos, a forma que eles aprendem, seus interesses e direitos de aprendizagem são potentes indicativos para a escolha metodológica.

Professores: tendo o **Ensino** como sua principal atividade pedagógica, estes agentes do processo educativo combinam os Saberes e Aprendizagens correspondentes à sua turma de educandos com os objetivos docentes previstos no planejamento e os interligam à escolha metodológica. Como visto anteriormente, esta escolha metodológica é influenciada pela concepção de educação e fundamentada nos saberes docentes relativos ao desenvolvimento humano e produção de conhecimentos.



Fonte: Portal SE, 2023.



Fonte: Portal SE, 2022.

Gestores: tendo a **Dimensão Pedagógica** como a principal em sua atividade gestora, os sujeitos docentes que atuam na gestão escolar, medeiam a relação pedagógica entre professores e educandos e articulam as atividades político-pedagógicas (aprendizagem e ensino) inerentes aos educandos e professores. A articulação do Ensino com a Aprendizagem, requer uma compreensão clara e segura das práticas educativas, da estruturação do trabalho docente, e sobretudo dos componentes e dinâmicas que compõe o processo de aprendizagem dos educandos.



A metodologia é o caminho fundamental para o progresso das aprendizagens.



Ensinar não é transferir conhecimento, mas **criar possibilidades** para sua produção ou sua construção.

(FREIRE, 1996, p.47, grifo nosso)

Para saber mais

Sugerimos as leituras:

A mediação pedagógica em Vigotski, Comênio, Herbart, Dewey e Skinner.

- Gilmara B. da Silva.

Mediação da aprendizagem: contribuições de Feuerstein e de Vygotsky. -

Marcos Meier e Sandra Garcia.

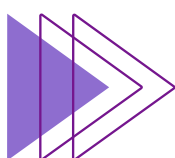
Pedagogia das miudezas: saberes necessários a uma pedagogia que escuta. - Bruna Ribeiro.

Pedagogia da Autonomia. saberes necessários à prática educativa. -Paulo Freire.

Escuta, intencionalidade e avaliação, o que isso tem a ver com metodologia?

AVALIAÇÃO E SUA INTENCIONALIDADE

“ Na avaliação nós não precisamos julgar, necessitamos isto sim, de diagnosticar, tendo em vista encontrar soluções mais adequadas e mais satisfatórias para os impasses e dificuldades. Para isso, não é necessário nem ameaça, nem castigo, mas sim acolhimento e confrontação amorosa. (Luckesi, 2005, p. 33).

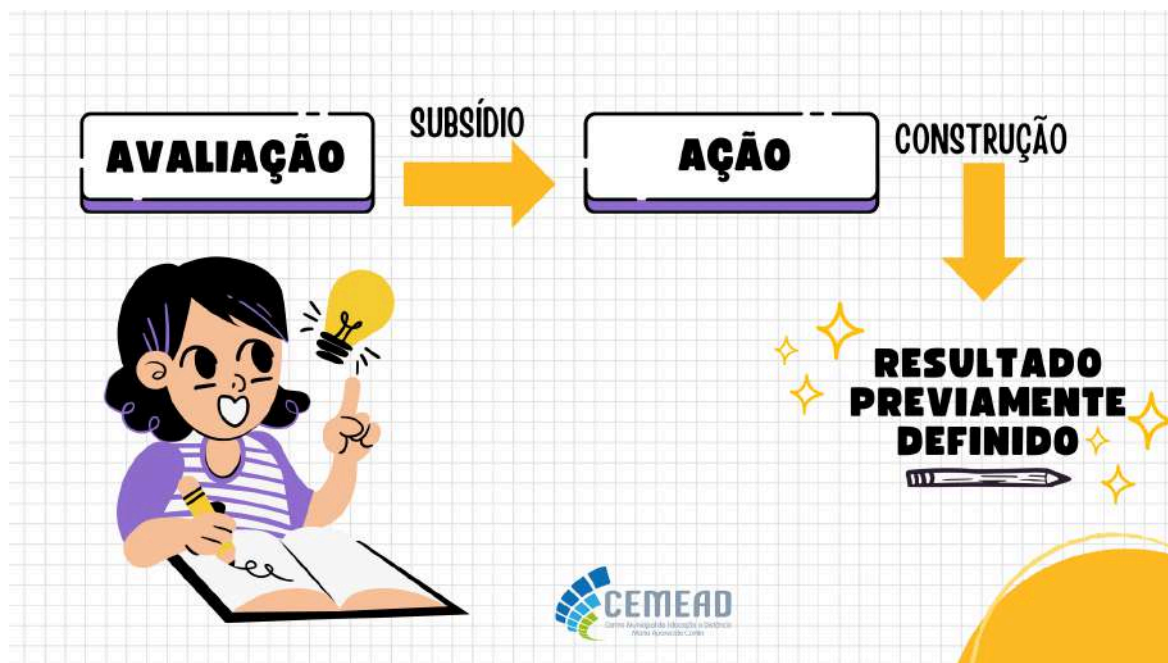


Avaliar é o ato de investigar as aprendizagens com o intuito de fazer intervenções de forma descomplicada e sem armadilhas. Para tanto, deve ser bem planejada, tendo sua intencionalidade bem definida e bem estruturada antes, durante e depois do processo.

Por muito tempo a avaliação teve o caráter punitivo, classificatório e autoritário, portanto servia como instrumento disciplinador e que mantinha os educandos presos ao conceito de reprodução do conhecimento, ao invés de propor reflexão e construção. Mas tudo mudou... Hoje em dia, temos que dissociar a avaliação da imagem de exame/teste, já que avaliar nada mais é do que diagnosticar, afinal o educando vai à escola para aprender e não para passar por um processo seletivo!

Sendo assim, é necessário que o educador esteja comprometido com a aprendizagem, tendo a avaliação como subsídio para tomada de decisões a fim da busca pela garantia do aprendizado de qualidade.

A avaliação é o processo educativo por meio do qual o docente tem condições de investigar e perceber a situação, o status de determinadas aprendizagens. Para que então, de posse desse diagnóstico, seja possível traçar objetivos e metas realistas e também desafiadoras no planejamento (resultado previamente definido). Acompanhe o esquema:



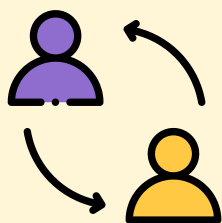
METODOLOGIAS AVALIATIVAS

A avaliação possibilita o diagnóstico e a análise do processo de aprendizagem dos educandos e orienta a ação docente quanto às decisões pedagógicas. Quando possui intencionalidade e objetivo não punitivos, mas, sim, construtivos, pode ser um diferencial para o replanejamento de ações e revisão da metodologia, sobre isso o QSN (2019) elucida:



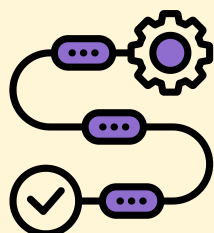
É preciso compreender que avaliar implica acompanhar o caminho trilhado, a trajetória dos sujeitos envolvidos no processo educativo objetivando a inclusão de todos na construção de conhecimentos. Nesta compreensão, a avaliação processual e contínua é importante na concretização do currículo que visa ao desenvolvimento pleno dos educandos, considerando seus conhecimentos prévios e o contexto em que estão inseridos (Guarulhos, 2019, p. 63).

A seguir, temos as dimensões da avaliação. A “dimensão” é o enfoque da avaliação.



Avaliação Mediadora: os educadores assumem papel de observador e mediador da aprendizagem. Além disso, contribuem na reflexão e problematização das estratégias planejadas (Hoffmann, 2014, p.67). A mediação é entre o que o educando já sabe e o que precisa aprender.

Avaliação Diagnóstica: os educadores analisam se o educando compreendeu o objeto de estudo, diagnosticando o status de construção de determinado conhecimento. Essa dimensão contribui para que o educador identifique possíveis dificuldades de aprendizagens a serem superadas pelo educando, bem como os conhecimentos já consolidados para que se possa ampliá-los (Luckesi, 2009, p.81).



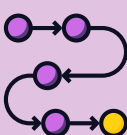
Avaliação Processual: os educadores acompanham o educando e sua interação com o objeto de estudo e a realidade. Favorece a coleta de informações e ajustes na ação docente, de modo que possibilite intervenções quando necessário, para superar as dificuldades, configurando-se como um compromisso com o processo de aprendizagem (Vasconcellos, 2003, p.103).

Avaliação Formativa: os educadores monitoram o progresso dos educandos, identificam os desafios que os educandos necessitam superar à medida que o aprendizado ocorre (Perrenoud, 1993, p.73). A cada nova percepção sobre a construção do conhecimento, um novo passo na formação do educando é proposto, por isso o nome formativa.




É preciso destacar que a avaliação não é engessada, tão pouco rígida, e pode acontecer de diversas formas, entretanto, sempre levando em consideração os registros sistematizados, a intencionalidade e os objetivos.

Por fim, na ilustração abaixo, apresentamos a diferença entre **avaliação e instrumento de avaliação**.



AVALIAÇÃO = Processo, percurso, caminho etc. É o “todo”.



INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO = Os meios pelos quais a avaliação acontece, exemplo: provas, questionários, seminários, relatórios de observação, portfólios, quiz etc.

Portanto, a análise qualitativa dos resultados dos diversos instrumentos avaliativos utilizados é que materializa a avaliação.

A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA NO PROCESSO AVALIATIVO



Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele.
(Freire, 1996, p.58)

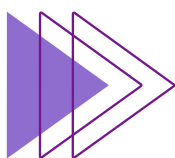
Segundo Paulo Freire (1996), ensinar exige a compreensão de que é necessário mantermos planejado em nossas práticas momentos de escuta, diálogos e reflexão sobre o que o educando está tentando validar. Escutar o educando e refletir sobre suas concepções permite ao educador aprender a transformar seu discurso.

Mas como podemos escutar qualitativamente nossos educandos?



É preciso reinventar a escola a cada momento e fazer dela um espaço de relações construtivas em que os educandos possam vivenciar relações de amor, afeto, companheirismo e solidariedade. Para educar no sentido de promover reflexão e criticidade, é preciso incentivar e contribuir com o desenvolvimento de valores éticos, como honestidade e lealdade, em contraposição a um mundo que prioriza a acumulação de riquezas materiais em detrimento do bem-estar de todos os seres humanos (Guarulhos, 2019, p. 13).

No processo de ensino e aprendizagem, muitos são os benefícios dessa escuta positiva/afetiva, principalmente no tocante das Etapas de Ensino da Rede Municipal de Educação de Guarulhos (Educação Infantil e Ensino Fundamental) e na modalidade Educação de Jovens e Adultos, pois quando escutamos os educandos compreendemos as realidades e as necessidades individuais e coletivas. Além disso, validamos os conhecimentos prévios, a cultura, os saberes próprios do sujeito.



Para que ocorra uma escuta qualitativa é necessário planejar, identificar a intencionalidade: teremos rodas de conversa para quê? Por exemplo. A escuta qualificada é também um conhecimento a ser construído, e essa construção é coletiva, aprendemos a escutar, a respeitar a vez do outro falar, a acolher, exercitar a compaixão e a empatia, dentre muitas outras aprendizagens importantes à educação humanizadora e integral proposta na concepção do QSN (2019).

POSSIBILIDADES PRÁTICAS: A ESCUTA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA



Mediar significa, portanto, possibilitar e potencializar a construção do conhecimento pelo mediado. Significa estar consciente de que não se transmite conhecimento. É estar intencionalmente entre o objeto de conhecimento e o aluno de forma a modificar, alterar, organizar, enfatizar, transformar os estímulos provenientes desse objeto a fim de que o mediado construa sua própria aprendizagem, que o mediado aprenda por si só.

(Meier; Garcia, 2007, p.72).

Para que os educandos construam saberes, precisamos ter propostas de mediação que os auxiliem nesse processo. Assim, o educador precisa de métodos. Como já mencionado anteriormente, a mediação também precisa ser planejada, pois o educador tem (precisa ter!) um objetivo específico com cada atividade que propõe à turma. Dessa forma, as aprendizagens vão sendo construídas.

Nesse sentido, o educador, ao planejar sua aula, precisa planejar também sua mediação. Isso significa que ele fará uma “espécie” de previsão de questionamentos que podem surgir durante a atividade. Certamente, não será possível prever tudo, pois a aula é dinâmica, mas é fundamental que se tenha estratégias para solucionar as indagações de seus educandos e assim, potencializar ainda mais suas aprendizagens criando “pontes” entre o saber consolidado e o saber em construção.



E como possibilitamos a construção dessas aprendizagens? Antes de tudo, precisamos escutar!



Faz-se imprescindível lembrar sempre: **o sujeito se forma no diálogo com outros sujeitos**. Ele se desenvolve sendo tratado como alguém que tem voz, que tem história, que precisa ser ouvido, assim como precisa escutar outros sujeitos. Para essa informação, o professor é fundamental. Ele é o interlocutor cotidiano dos alunos, o seu intérprete, o companheiro das viagens do conhecimento na vida vivida cada dia, na específica atividade de elaborar conhecimento.

(Antônio; Tavares, 2020, p. 64) (grifo nosso).

Nossos olhares precisam incendiar os corações de nossos educandos.



Para mediar as aprendizagens de seus educandos, o educador precisa, antes de tudo, escutar. Como dizia Paulo Freire (1996), escutar para aprender a falar com o educando. Nesse sentido, o educador precisa desenvolver uma escuta ativa, mas ativa no sentido de que o educando tem que perceber que de fato, foi escutado, respeitado e considerado. É preciso dar oportunidade para os educandos falarem de si, de seus sentimentos e suas angústias, e escutá-los efetivamente.

É preciso que o docente note e “escute” atentamente os pedidos “silenciosos”. Aproveitando oportunidades para fazer as indagações em momentos certos, incentivando os educandos a buscarem mais informações, aprofundando reflexões, para que consigam construir suas aprendizagens.

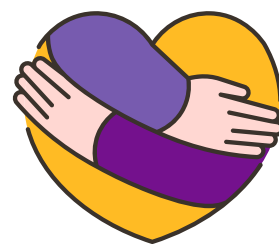


Fonte: Portal SE, 2023.



Fonte: Portal SE, 2023.

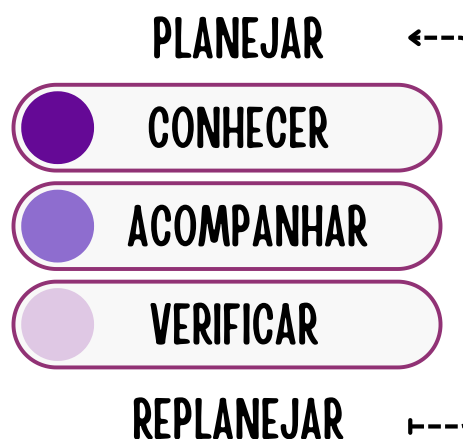
Esse movimento deve partir do princípio do acolhimento, acolher o educando da forma que ele está, sem julgamentos ou discriminação, a partir da realidade em que se encontra, e para que isso aconteça, é necessário estar atento. Somente após isso, tomar as decisões sobre o que fazer, escolher quais métodos vai adotar, tanto para planejar, quanto para mediar, avaliar etc. É preciso estar disposto a buscar soluções ao invés de simplesmente constatar problemas.



Como docentes, são muitas as escolhas em relação à avaliação. Mas precisamos ter em mente, apesar disso, o porquê avaliamos.

Por fim, no que se refere à avaliação da aprendizagem - e a qualquer outra prática avaliativa -, **vale lembrar que o ato de avaliar não soluciona nada, mas somente retrata a qualidade de uma situação.** A solução vem da decisão e investimento do gestor que reconhece a situação problemática e decida ultrapassá-la (Luckesi, 2011) (grifo nosso).

A avaliação não terá utilidade se o docente não se valer dela para identificar e agir sobre as dificuldades evidenciadas por meio do processo avaliativo. Avaliamos para ter um retrato da aprendizagem e então agir, replanejar, retomar, conforme indicado no esquema a seguir:



Todas essas etapas compõem a avaliação, quanto mais consciência temos da nossa intencionalidade, mais fluido será planejar esses momentos, coletar as evidências de aprendizagem e pensar em propostas com base nas dificuldades e domínios observados.

Não podemos nos esquecer que os caminhos que escolhemos, inclusive nos momentos avaliativos, são escolhas metodológicas que precisam refletir as concepções que temos enquanto educadores e, sobretudo, a concepção da rede municipal de Guarulhos.

Para saber mais

Sugerimos as leituras:

Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico. - Cipriano C. Luckesi.

Sala de Aula: Quando eu entro e fecho a porta... Quando eu entro e abro a porta.... - Cleide A. Terzi, João C. Martins e Lucilla S. L. Pimentel.

E agora, gestor?

DECISÕES PEDAGÓGICAS

O modo de realizar a atividade docente, revela uma escolha metodológica, e esta escolha deve ocorrer com centralidade no educando.

Diante deste cenário de decisões, podemos definir que a avaliação é um componente do processo de ensino que visa orientar a tomada de decisões pedagógicas. Decisões estas que se referem às diferentes situações didáticas, que são os meios usados pelos professores para que os educandos aprendam significativamente.



A compreensão docente sobre o processo de ensino deve considerar a relação pedagógica da metodologia com a avaliação da aprendizagem.

A aprendizagem é um processo que se configura internamente com mudanças que ocorrem nas estruturas cognitivas. Porém, para que este processo aconteça, são necessários estímulos externos, que correspondem às ações de ensino (professor-educando, educando-educando) e as interações (humanas e ambientais). E são nas ações externas que a metodologia se destaca como instrumento potente para a construção da aprendizagem.

A metodologia é uma parte essencial no processo de avaliação das aprendizagens.



Fonte: Canva, 2024.

Novas pedagogias, novas abordagens e o fazer pedagógico

A PRÁTICA INOVADORA



A inovação é uma das formas de transformar a educação.
(Camargo; Daros, 2021).



O que seria inovar em educação? É importante estabelecer o que queremos dizer quando pensamos em inovação. Será mesmo que as práticas consideradas inovadoras são realmente novas?

Para Carbonell (2002, p.19), a **inovação pedagógica é o conjunto de intervenções, decisões e processos, que com intencionalidade modificam atitudes, ideias e práticas pedagógicas**, implementando uma linha renovadora, influenciando diretamente em novos projetos e programas, na dinâmica da sala de aula e nas estratégias metodológicas.

Geralmente, de imediato, ao pensar em inovação, pensamos em algo inédito, novo, revolucionário, transformador. A partir disso, se iniciássemos uma busca pela origem de algo, iríamos cada vez mais a fundo, encontrando uma fonte, depois outra, depois outra, depois outra... E então, é aqui que vem a mudança de chave!

Assim como a máxima de Antoine Lavoisier “nada se cria, tudo se copia, se transforma”. Portanto, as práticas pedagógicas não precisam ser novas para serem inovadoras, elas podem ser modificadas e alteradas, Camargo e Daros (2021), trazem algumas propostas inovadoras:

Experiências como atividades realizadas em grupos, mais de um professor na classe acompanhando a execução de tarefas, realização de projetos, solução de problemas reais e estudos de caso são estratégias que, se bem conduzidas, podem gerar uma verdadeira inovação pedagógica (p. 109).

Essas práticas, no entanto, não são novas, talvez até você já tenha experimentado algumas destas propostas com seus educandos.

O que caracteriza uma prática como inovadora é provocar uma reação fluida e significativa com o conhecimento, visando desenvolver o máximo de potencialidade possível nos educandos, orientando e acompanhando para que eles se familiarizem com a aprendizagem e descubram seu sentido (Carbonell, 2002).

Antes, quando da dominância das pedagogias tradicionalistas e bancárias, de nada importava se o educando tinha interesse; aprender era uma obrigação, uma imposição. Com o passar do tempo e com as mudanças sociais, a educação passou a ser entendida como um processo complexo e que envolve diversas dimensões e variáveis.



Não se pode olhar para trás em direção à escola ancorada no passado, que se limitava a ler, escrever, contar e receber passivamente um banho de cultura geral. A nova cidadania que é preciso formar exige, desde os primeiros anos da escolarização, outro tipo de conhecimento e uma participação mais ativa dos alunos no processo de aprendizagem. É preciso pensar na escola do presente-futuro e não do presente-passado, como fazem muitas pessoas que sentem tanto mais nostalgia do passado quanto maior é a magnitude da mudança a que se propõe.

(Carbonell, 2002, p.16).

Hoje em dia, sabemos que, uma educação que não busque motivar, cativar, despertar o desejo de aprender no educando tem poucas chances de realmente construir e dar significado ao saber.

E é justamente nesse ponto que, a cada “dia” surgem mais e mais “pedagogias inovadoras”, todas com objetivos em comum: desenvolver o protagonismo, motivar para a aprendizagem, fortalecer o pensamento crítico e reflexivo.

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS

A Aprendizagem Baseada em Projetos visa, através de trabalhos longos e contínuos, que o educando construa suas aprendizagens a partir de um questionamento, desafio ou problema.

Dessa forma, os educandos iniciam uma sequência de pesquisas, levantam hipóteses e buscam recursos para a produção de determinada atividade e, para isso, precisam aplicar as informações levantadas até chegarem a uma produção final ou uma resolução eficaz para o problema inicial.

Para se obter esse resultado, é necessário um tema gerador que desafie, que não possua respostas óbvias que possam ser encontradas facilmente em sites de busca, por exemplo. Para isso, é imprescindível que a imaginação, a criatividade e a curiosidade sejam estimuladas, levando os educandos a buscarem as resoluções.

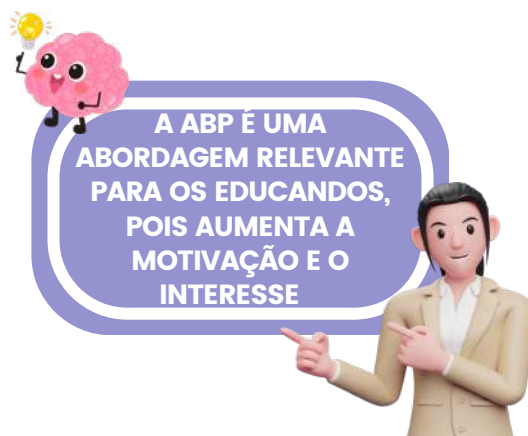
O tempo despendido para a realização desse trabalho é flexível, podendo levar de poucas semanas até um semestre completo, por exemplo. Tudo depende da complexidade do desafio!

Por meio de pesquisa e investigação, os educandos podem demonstrar seus conhecimentos e habilidades usando diversas ferramentas como instrumentos digitais, gráficos, vídeos, aplicativos etc., tudo isso acaba gerando curiosidade e satisfação.

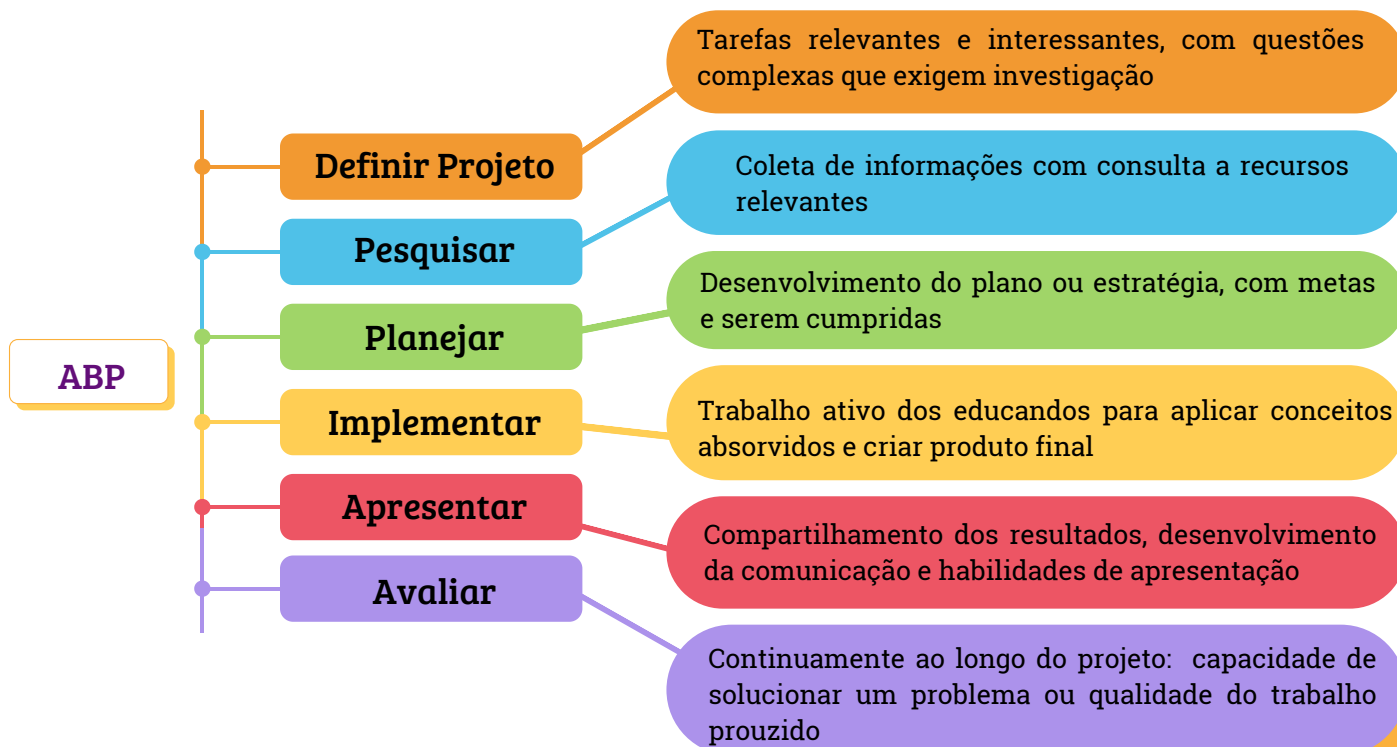
“ A investigação dos alunos é profundamente integrada à aprendizagem baseada em projetos, e como eles têm, em geral, algum poder de escolha em relação ao projeto do seu grupo e aos métodos a serem usados para desenvolvê-los, eles tendem a ter uma motivação muito maior para trabalhar de forma diligente na solução de problemas.

(Bender, 2015, p. 15).

Dessa forma, os próprios educandos vão acompanhando os resultados uns dos outros, o que enriquece e torna ainda mais significativas essas aprendizagens. A Aprendizagem Baseada em Projetos visa não somente o desenvolvimento de competências, mas que os educandos construam suas aprendizagens de forma colaborativa.



A Aprendizagem Baseada em Projetos é dividida em seis etapas:



APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS



[...] define-se PBL como uma metodologia de ensino-aprendizagem em que um problema é usado para iniciar, direcionar, motivar e focar a aprendizagem, diferentemente das metodologias convencionais que utilizam problemas de aplicação ao final da apresentação de um conceito ou conteúdo.

(Ribeiro, 2022, p.21).

O conceito da Aprendizagem Baseada em Problemas, em inglês *Problem-Based Learning - PBL* como também é conhecida, visa a integração entre a teoria e a prática, conferindo dinamismo ao processo de aprendizagem. Nessa abordagem, a estruturação dos conteúdos não se dá por meio de disciplinas isoladas, mas, sim, por meio da organização temática, promovendo uma interdisciplinaridade efetiva.

Essa metodologia estimula o educando a sair da passividade, de apenas receber as informações do docente, para buscar, com autonomia, estratégias para a resolução de problemas. O educando, dessa forma, se torna um agente ativo na construção de suas aprendizagens, explorando diversos meios para resolver os problemas propostos ao invés de simplesmente absorver informações transmitidas. Sob essa perspectiva, o educando desenvolve habilidades cognitivas mais complexas, como análise de dados, formulação de hipóteses, elaboração de previsões, proposição de soluções, avaliação de resultados e aplicação do pensamento crítico. Além de desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe.



Ao trabalhar em pequenos grupos, os alunos têm a oportunidade de evocar seus métodos de solução de problemas e conhecimentos conceituais, expressar suas ideias e compartilhar a responsabilidade de administrar atividades, promovendo visões diferentes sobre um problema. (Ribeiro, 2022, p.20).

Quando utilizamos a PBL a aprendizagem parece ser mais rápida, pois os educandos desenvolvem outras habilidades que os favorecem na aprendizagem, como o estabelecimento de objetivos (o que vou fazer?), a escolha de estratégias (como vou fazer?) e a avaliação do problema e do processo como um todo (funcionou?), o que faz com que construam aprendizagens mais significativas.

Ainda que inter-relacionado com processos eficazes de solução de problemas, o PBL tem como objetivos principais a aprendizagem de uma base de conhecimentos integrada e estruturada em torno de problemas reais e o desenvolvimento de habilidades de aprendizagem autônoma e de trabalho em equipe, tal como ocorre em situações práticas. (Ribeiro, 2022, p.28).

Para que essa metodologia seja melhor aproveitada, é importante que as etapas sejam divididas ao longo de diversas aulas, para que os educandos tenham tempo para a construção de suas aprendizagens. A seguir, uma síntese das etapas utilizadas em PBL:



ETAPAS DA PBL:

Contextualização: Definir com o grupo o problema a ser resolvido. O docente contextualiza e fornece algumas orientações para a pesquisa.

Apresentação do Problema: Os educandos se dividem em grupos de 4 ou 5 membros e iniciam as investigações, registrando cada passo do processo de aprendizagem.

Resolução do Problema: Após a coleta de informações, os educandos debatem sobre como aplicar os resultados para solucionar o problema proposto.

Apresentação dos Resultados: Os educandos compartilham os dados coletados e as possíveis soluções com a turma. É importante que o docente proporcione tempo para que outros grupos contribuam com sugestões e esclareçam dúvidas.

Avaliação: Deve ser realizada considerando habilidades como leitura, trabalho em equipe, qualidade da pesquisa, planejamento, propostas de solução e criatividade na apresentação.

DIFERENCIANDO AS ABORDAGENS



A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não se pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe?

(Freire, 1967, p.97).

A Aprendizagem Baseada em Projetos, é uma estratégia ativa, no qual os educandos constroem seu aprendizado por etapas, sendo executado a partir de um planejamento. Os projetos se revelam em contextos reais, abordando questões dentro das necessidades, partindo de temas geradores etc. Nesse processo, cabe ao educador fazer as orientações para que o educando possa escolher o caminho que mais interessar percorrer dentro das etapas metodológicas; com isso o interesse, a curiosidade e a criatividade fazem parte e proporcionam um espiral significativo de ação-reflexão-ação, gerando assim, um produto final fruto do processo executado pelo educando. Nesta abordagem, o tempo para execução é maior dada complexidade das ações.

Na Aprendizagem Baseada em Problemas o ambiente é centrado no educando. Nessa perspectiva, ele é desafiado na resolução de problemas sem solução prévia tendo o educador como mediador. Não existe um processo, uma projeção ou um produto final como na abordagem anteriormente explicada. Existe sim, um problema a ser resolvido por meio da colaboração entre educandos e educadores, utilizando mecanismos de pesquisa, investigação, diálogo, até que se tenha uma resolução para o problema levantado. Com o despertar do senso crítico, da criatividade e da iniciativa são levados a uma solução satisfatória. Nesta abordagem, o tempo para execução é mais dinâmico, curto e flexível; isso porque os problemas podem variar e mudar com certa velocidade.

Assim, Aprendizagem Baseada em Problemas e a Aprendizagem Baseada em Projeto, metodologicamente, são distintas, entretanto ambas são similares em determinados aspectos como inserir o aluno no ambiente como protagonista, dialogando com o *boom* da inovação de Metodologias Ativas na sociedade contemporânea, transformando ambientes tradicionais, revelando aos atores maior qualidade na construção da aprendizagem.

NOVAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS SÃO POSSÍVEIS EM TODAS AS ETAPAS DE ENSINO?

A resposta para essa pergunta é sim!



É comum que ao pensarmos em metodologia, estratégias de ensino e aprendizagem, teorias da educação, tecnologias digitais etc. sempre pensemos a partir do nosso lugar, da nossa experiência. E aí, quase sempre que nos deparamos com uma novidade ou até mesmo uma sugestão, a gente já logo pensa nos obstáculos e nos desafios (que existem e são muitos!). Porém, como a gente faz melhor se sempre fizer igual?

Não é tarefa fácil, independente da proposta, é preciso adaptá-la à realidade da turma. Afinal, cada contexto é único, cada sujeito tem suas particularidades e a cada proposta pedagógica temos objetivos a cumprir. Com as metodologias não é diferente! Toda e qualquer ideia pedagógica precisa ser adaptada, transposta à realidade a qual será realizada.



Para pensar...

As crianças aprendem o tempo todo, são curiosas e estão sempre explorando os espaços, manipulando objetos, criando hipóteses, testando e investigando. Dessa forma vão descobrindo o mundo e conseqüentemente, construindo suas aprendizagens.



Fonte: Canva, 2024.

Mas com bebês e crianças bem pequenas parece não ser possível trabalhar com projetos, não é mesmo? Para isso, é claro que os professores devem pensar nesses projetos a partir do grupo real de crianças que possuem, considerando as potencialidades de sua turma. Isso é possível quando se cria e organiza um contexto, proporcionando condições para estimular a criatividade das crianças e assim, auxiliar na formação de ideias próprias sobre as coisas e sobre o mundo que as cerca.

O professor precisa permitir às crianças agirem sem o auxílio do adulto, considerando suas necessidades básicas e o seu potencial, pois só assim serão capazes de desenvolver sua autonomia. Para isso, os espaços devem ser preparados com várias possibilidades de exploração, pois dessa forma, se tornam mediadores, provocando aprendizagens e estimulando investigações.



Se você ficou na dúvida de como aplicar as Abordagens Baseadas em Projetos e em Problemas nas diferentes etapas, vamos te apresentar algumas sugestões:

Educação Infantil e Creche

- Projetos e sequências didáticas que partem da curiosidade das crianças. Exemplos de assuntos: como são feitos os brinquedos? É possível chegar à Lua? É possível ser um super-herói? Como são feitos os castelos? De onde vieram os dinossauros?
- Ações que envolvam a observação dos espaços escolares, dos bichinhos de jardim, por exemplo. Como vivem as formigas? Como as plantas se alimentam? “Coisas” que as crianças possam interagir.
- Projetos e sequências didáticas que proporcionem a experimentação, vivências. Exemplos: trilhas sensoriais; percurso com obstáculos para estimular a engatinhar, sentar etc. brincadeiras rítmicas, brincadeiras com espelho e exploração do meio natural.

Ensino Fundamental regular

- Projetos e sequências didáticas que proporcionem o protagonismo, que sejam pautados em interesses e problemáticas reais percebidas pelos educandos, pela escola ou comunidade. É essencial ensinar, por meio de oportunidades, a identificar o que é um problema. Que tipo de situação precisamos resolver? Por que?
- Oportunidades para tomada de decisões, construção de planos, metas e estratégias para alcançá-las.
- Propostas que envolvam pesquisa, tecnologias digitais, uso de aplicativos/software, smartphones etc.
- Desafios coletivos, campeonatos, interclasse de desafios cognitivos, caça ao tesouro, mapas etc.
- Feira de Ciências, mostra de artes, peças de teatro, saraus etc.

EJA - Ensino Fundamental

- Estudos de caso a partir de problemáticas sociais, questões históricas e do mundo do trabalho.
- Roteiros/Itinerários de estudos.
- Construção de uma agenda de estudos, organização pessoal etc.
- Pesquisa de preços, inflação, poder de compra x salário mínimo.
- Investigação sobre fenômenos climáticos e causas ambientais, percepção das mudanças na natureza ao longo dos anos, identificação e criação de projetos para problemas urbanos etc.

APRENDIZAGEM BASEADA EM INVESTIGAÇÃO

A Aprendizagem Baseada em Investigação, ou em inglês, *Inquiry-Based Learning* (IBL) é uma abordagem metodológica que, como o próprio nome diz, é baseada em investigação/pesquisa. Ela se assemelha à Aprendizagem Baseada em Projetos e à Iniciação Científica, pois os educandos são incentivados à pesquisa, análise, síntese e avaliação objetivando a resolução de um problema concreto. Esse problema (objeto de investigação) pode ou não ser intencionalmente transdisciplinar. Ah, a IBL pode ser ampliada em ambientes virtuais!

Na IBL o docente formula uma questão atrativa e motivadora relacionada aos assuntos e saberes trabalhados, certificando-se de que todos entenderam o que foi solicitado, para que assim possam iniciar as investigações e coleta de informações, a fim de tentar resolver o problema. O docente também pode indicar fontes e autores para auxiliar na investigação, apresentando ainda, as etapas de construção, as normas de elaboração e a forma de apresentação (se será a entrega de trabalho escrito ou uma apresentação para todos, por exemplo), sem esquecer-se de incluir momentos de feedbacks para os educandos. Tal feedback pode (e deve) ser feito durante o processo (não precisa ser sempre no fim!), caso seja necessário, para reconduzir os educandos aos objetivos estabelecidos.

O tempo de duração e realização varia conforme à complexidade do questionamento ou da investigação, além disso, o docente pode dividir a atividade em pequenas entregas, em dias diferentes ou atribuir maior tempo para a resolução, segundo as necessidades da turma.

Já a avaliação pode ser feita de acordo com o desempenho dos estudantes mediante os objetivos e aprendizagens durante o processo, bem como em diferentes formatos: relatório, artigo, portfólio, texto analítico, apresentação oral etc.

Algumas habilidades que podem ser desenvolvidas por meio da IBL:

- Resolução de Problemas
- Compreensão de conceitos científicos
- Pensamento crítico
- Criatividade
- Tudo é planejado e articulado



STEAM: ALGO DE OUTRO MUNDO?



A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age. Faz tudo isso com a certeza de quem usa uma ferramenta, com a **consciência de quem está diante de algo que o desafia**. Nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade. E há também uma nota presente de criticidade.

(Freire, 1967, p.40)(grifo nosso).

STEAM é uma sigla em inglês que surge das iniciais de *Science, Technology, Engineering, Arts e Mathematics*, atualmente está em evidência devido às possibilidades que revela aos processos educativos. Numa tradução livre, as siglas de STEAM significam as áreas do conhecimento (Ciências, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática). Em resumo, STEAM é uma metodologia ativa quando atrelada a projetos baseados em aprendizagens. Integrada e multidisciplinar, contribui com o desenvolvimento dos educandos em diversos aspectos, incluindo Humanidade e Consciência Ambiental, culminando em estimular a curiosidade, criatividade, consciência crítica e reflexiva frente aos avanços da sociedade contemporânea.



O princípio da STEAM parte da premissa de que todos se envolvam no trabalho, num movimento multidisciplinar que rompe com o tradicional e coloca o educando como protagonista, sendo o centro do processo de construção de aprendizagem.

O educando deixa de ser receptor de informações e comandos e tem a chance de tornar-se um agente de transformação, interagindo com problemas reais, aliando teoria e prática, tendo o educador como mediador desse processo.



Na metodologia STEAM tudo é planejado e articulado para que o educando possa aplicar conceitos para validar ou não suas hipóteses, num movimento que permite colocar a “mão na massa” colaborando na resolução de problemas.

Algumas habilidades que podem ser desenvolvidas por meio da STEAM:

- Autonomia, adaptabilidade e flexibilidade
- Pensamento transdisciplinar
- Capacidade de lidar com situações adversas
- Comunicação
- Criatividade
- Imaginação
- Inovação
- Interação

Você, educador, deve estar se perguntando...

Mas o QSN apresenta alguma relação com a STEAM?

A resposta é sim! E não apenas com a STEAM, mas com tantas outras abordagens e estratégias que buscam potencializar a aprendizagem e o desenvolvimento do educando com base em princípios como autonomia, diversidade, protagonismo, educação integral, educação inclusiva etc.



Analisando e refletindo sobre os procedimentos da STEAM, percebemos que alude com o QSN (2019), uma vez que a proposta esclarece que o educando é o centro de todo processo de construção de aprendizagem, protagonista que quando estimulado e desafiado, avalia e decide quais meios para resolução dos problemas apresentados em diferentes contextos. Tudo isso, com o educador como mediador entre a aprendizagem consolidada e a que ainda precisa ser.

FALANDO EM INOVAÇÃO, O QUE É ENSINO HÍBRIDO?



[...] o ensinar e o aprender acontecem em uma interligação simbiótica, profunda e constante, entre os chamados mundo físico e digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza, constantemente.

(Moran, 2015, p. 39).

No contexto da pandemia, educação pública remota foi uma grande inovação!

O ensino híbrido nada mais é do que uma metodologia que une elementos do ensino presencial com o ensino on-line. Ela propicia uma aprendizagem dinâmica e flexível.

Nesse modelo metodológico, os educandos podem participar de atividades presenciais em sala de aula, interagindo diretamente com professores e colegas, enquanto também podem acessar recursos digitais, tais como plataformas de aprendizagem on-line, vídeos, simuladores e etc. Por ser flexível, essa abordagem se adapta às necessidades de cada educando de forma individualizada, o que permite que eles aprendam à sua maneira, tendo seu tempo e suas especificidades respeitadas e ainda tendo orientação e suporte personalizados.

“ Os estudos sobre o ensino híbrido são bastante inspiradores na organização de situações didáticas. A personalização da aprendizagem, um dos aspectos importantes da abordagem, redimensiona o papel do professor, tornando-o “[...] cada vez mais um gestor e orientador de caminhos coletivos e individuais”
(Moran, 2015, p. 39)

O ensino híbrido visa não somente transmitir conhecimento, como desenvolver competências fundamentais, como pensamento crítico, colaboração, comunicação eficaz e competência digital.

Com base em Christensen, Horn e Stalker (2013), o ensino híbrido é definido como um programa de educação formal que permite ao aluno realizar as atividades propostas por meio do ensino online e presencial de modo integrado.

Inovação pedagógica em nossa rede



O Município de Guarulhos, objetivando garantir a aprendizagem de todos os educandos, criou em 2020, durante a pandemia, o programa Saberes em casa, através de quadros pautados no QSN. Mesmo com o retorno das aulas 100% de forma presencial, o programa continuou e se tornou mais uma política pública, sendo um componente para complementar as propostas de ensino desenvolvidas nas unidades escolares. Ele é elaborado com base no QSN – Quadro de Saberes Necessários, auxiliando tanto os educandos da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos.

Como faço para ter acesso ao Saberes em Casa?

O programa Saberes em Casa é uma iniciativa da Prefeitura de Guarulhos que tem o objetivo de oferecer aos educandos da rede municipal de ensino uma rotina de aprendizado semelhante àquela que desfrutam em suas escolas.

O acesso é por meio do Portal SE informe. Você pode acessar através do QR Code ao lado:



UMA JOGADA INTERESSANTE!



[...] pode se dizer que todo jogo é educativo em sua essência. Em qualquer tipo de jogo a criança sempre se educa.

(Oliveira; Hackbart, 2013, p. 12).

Quantas vezes ouvimos que a motivação é peça chave para que a aprendizagem ocorra? Então, ficamos nos perguntando o que fazer para conseguirmos motivar nossos educandos quando estamos competindo por sua atenção com redes sociais, jogos virtuais, desejo de brincar com brinquedos elaborados e chamativos etc. Parece uma competição desleal, não é mesmo?

É também por isso que estamos tratando de abordagens inovadoras! Algumas delas propõem exatamente fazer uso de situações, objetos, tecnologias, games etc. para elaborarmos situações de aprendizagem.

A gamificação, por exemplo, é uma dessas “pedagogias inovadoras” que busca utilizar elementos de jogos no ambiente de aprendizagem, visando engajar, motivar e melhorar o desempenho dos educandos. Ainda que essa metodologia tenha elementos próprios que caracterizam atividades gamificadas, podemos fazer um paralelo com o uso de jogos criados pelos docentes com objetivo de desenvolver propostas de construção de conhecimento por meio de atividades lúdicas, que estimulem a cooperação e a criatividade. Assim, o jogo/game é uma importante ferramenta para que os educandos estabeleçam uma relação positiva com o conhecimento.

Por meio de atividades com jogos, as crianças vão ganhando autoconfiança, são incentivadas a questionar e corrigir suas ações, analisar e comparar pontos de vista, organizar e cuidar dos materiais utilizados.

(Macedo; Petty; Passos, 2000, p. 24).



Ao trabalhar em pequenos grupos, os alunos têm a oportunidade de evocar seus métodos de solução de problemas e conhecimentos conceituais, expressar suas ideias e compartilhar a responsabilidade de administrar atividades, promovendo visões diferentes sobre um problema.

(Ribeiro, 2022, p.20).



Fonte: https://br.freepik.com/vetores-gratis/ilustracao-de-gamificacao-de-design-plano-desenhado-a-mao_22896748.htm#fromView=search&page=2&position=12&uuid=77338e19-afbf-4939-870a-d36db827ee35

Por meio do jogo, o sujeito constrói uma nova relação com a aquisição de conhecimento e ainda desenvolve características que são requeridas no ato de jogar, mas que também favorecem a aprendizagem, como realizar interpretações, classificar e operar informações.

[...] defendemos a ideia de que jogar favorece e enriquece o processo de aprendizagem, na medida em que o sujeito é levado a refletir, fazer previsões e inter-relacionar objetos e eventos, bem como contribui para fornecer informações a respeito do pensamento infantil, o que é fundamental para o profissional que pretende auxiliar na superação das eventuais dificuldades.

(Macedo; Petty; Passos, 2000, p. 27)

Alain (1957, apud Kishimoto, 2011) defende o uso de jogos nas escolas porque cria um clima adequado para investigação, estimula a busca por soluções de problemas e por novas respostas, sem gerar constrangimento quando se erra.

Você já parou para pensar em como podemos estruturar e planejar uma proposta fazendo uso de jogos de modo que ela alcance os objetivos propostos?



Ao optarmos por uma proposta que faça uso de jogos, precisamos planejar:

Objetivos - pois eles são essenciais para sabermos quais saberes queremos construir com os educando e também para selecionarmos um jogo que possibilite o desenvolvimento das aprendizagens esperadas;

Apresentação dos materiais para os educandos - em grupo, individualmente, ou de modo coletivo sendo projetado na lousa?;

Regras - vamos jogar um jogo com regras já existentes, vamos alterar essas regras, vamos construir mais algumas regras além das previstas inicialmente no jogo, ou todas as regras serão estabelecidas pela turma?;

Mediação - quais serão as intervenções que faremos; e

Avaliação - o que podemos observar nesse processo, que nos mostrará se o educando atingiu ou não os objetivos propostos.



Mas jogar não faz bagunça?

Propor estratégias lúdicas como jogos, alteram toda a dinâmica da turma, então deixamos algumas estratégias que podemos adotar, pensando em facilitar o trabalho com jogos.



Antecipação: Muitas vezes subestimamos o poder de uma boa conversa orientadora antes da atividade, mas dialogar com os educandos sobre a proposta de uma atividade que será diferente das atividades convencionais, o comportamento esperado deles e as regras de utilização do espaço em que a atividade vai ocorrer, são fatores importantes para amenizar a agitação e ansiedade dos educandos.



Organização dos tempos: Não é interessante jogar apressadamente, isso torna o ato de jogar estressante tanto para a criança, que apressada pode não se apropriar das habilidades desejadas, quanto para o professor que tem um desgaste grande para tentar cumprir o que foi planejado, organizar as crianças, a sala, os materiais... Vale pensar em construir o jogo, as regras e vivenciar em dias diferentes, mas garantindo que saia com mais tranquilidade, para todos. Ou escolher aquele dia da semana com uma janela de tempo maior para poder realizar tudo com calma.



Organização dos espaços: Precisamos escolher o espaço para o jogo proposto, tendo em vista a melhor organização para sua prática, considerando todos os espaços da unidade escolar - quadra, refeitório, parque, biblioteca. Um jogo para crianças pequenas que seja de tabuleiro, por exemplo, quando jogado em uma mesa menor, há mais probabilidade das crianças derrubarem as peças com frequência, enquanto se estivessem jogando sentadas em um tatame ou em uma mesa maior como a do refeitório essa dificuldade seria minimizada. As crianças também podem auxiliar a preparar o espaço onde ocorrerão os jogos, assim estimulamos a autonomia, o cuidado com o espaço e não sobrecarregamos o professor.



Construção coletiva de regras: Auxilia que todos os educandos as compreendam e facilite o momento do jogo em si, mas torna todos corresponsáveis para que elas sejam seguidas com atenção, sendo assim essa função não é mais exclusivamente do educador.

Algumas estratégias que são adaptáveis a vários objetos de conhecimento e possíveis para faixas etárias diferentes, para explorar com os educandos:

- Desafios
- Quiz
- Caça ao tesouro
- Construção de Jogos de tabuleiro
- Construção de Jogos de percurso (trilha)
- Construção de Jogos de carta

Vamos brincar!

No site do programa Saberes em Casa há um espaço destinado a jogos educativos que visam auxiliar o processo de aprendizagem. Ficou curioso para conhecer? Acesse pelo QR Code ao lado e divirta-se!



E agora, gestor?



Ao se falar de metodologia, o pressuposto, é que a equipe docente necessita de ações gestoras que provoquem a construção de conhecimentos tanto teóricos quanto práticos, para que assim, possa realizar o trabalho pedagógico, em condições de criar por si mesma, escolhas metodológicas, em acordo com as aprendizagens necessárias aos educandos e em conformidade ao contexto social em que atua.

Na gestão escolar, a metodologia de ensino é um aspecto fundamental para promover a aprendizagem significativa e engajadora. A ação gestora referente a metodologia envolve escolhas de práticas e abordagens que qualificam o processo de ensino e aprendizagem, considerando as características dos educandos, o contexto escolar e os objetivos educacionais.



Para saber mais

Sugerimos as leituras:

Aprendizagem Baseada em Projetos: educação diferenciada para o século XXI.
- William N. Bender.

ABP: Aprendizagem Baseada em Problemas - ferramentas de apoio ao docente no processo de ensino e aprendizagem. - Antonio S. Munhoz.

STEAM em sala de aula: a aprendizagem baseada em projetos integrando conhecimentos na educação básica. - Lilian Bacich e Leandro Holanda.

A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar a aprendizagem ativa. - Fausto Camargo e Thuinie Daros.

Trabalho em grupo: Por que e quando propor?

TRABALHAR EM GRUPO? MAS, PARA QUÊ?

Essa é uma metodologia que pode ser potencializada para atender às diversas necessidades identificadas na turma.

Você sabia que no trabalho em grupo há atribuições a serem consideradas para cada participante?

Quando planejamos nossas ações é importante buscarmos estratégias que possam atender de fato toda a turma, de modo que consigamos dar atenção para aquele aluno que requer atendimento individual para avançar em suas aprendizagens, porém sem perder o restante dos educandos.

Parece que estamos em um impasse sem solução e não sabemos que caminho tomar, não é verdade?

O trabalho em grupo é uma estratégia, que pode contribuir muito para algumas dessas dificuldades. Mas, antes de aprofundarmos quais são os benefícios dessa situação de ensinagem e como podemos desenvolvê-la com qualidade, é necessário pensarmos o que caracteriza essa metodologia.

Para que o trabalho em grupo seja desenvolvido de forma efetiva, Cohen e Lotan (2017, p.1), abordam os seguintes elementos:

ELEMENTOS IMPORTANTES PARA UM TRABALHO QUE (DE FATO) SEJA EM GRUPO

- 1 Considerar a importância de formar **pequenos** grupos
- 2 Possibilitar a participação de **todos**.
- 3 Atribuir **a cada membro do grupo** tarefas claras.
- 4 Dar **autonomia aos educandos** para desempenharem as tarefas sem a supervisão direta do professor.



Quando estabelecemos os critérios acima como determinantes para configurar um trabalho em grupo, segundo Cohen e Lotan (2017), podemos perceber essa metodologia como uma ferramenta que:

- É relevante para salas de aula com níveis de aprendizagens diferentes.
- Pode ser adotada por diferentes modalidades de ensino.
- Possibilita maior envolvimento e engajamento dos educandos nas atividades, melhorando sua participação.
- É excelente para o aprendizado conceitual (mesmo de conceitos abstratos) e para resolução de problemas de forma criativa.
- Desenvolve competências de resolução de problemas, importantes para a vida adulta.
- Como atividade cooperativa, é ótima para o aprendizado da língua e desenvolvimento de habilidades de comunicação oral.
- Possibilita o desenvolvimento de laços de amizade entre os educandos, diminuindo comportamentos negativos e competitivos, aumentando a cooperação e a prestatividade entre eles.
- Aumenta o tempo em que o educando se dedica a atividade, estando envolvido com o aprendizado.

Sabemos que, atualmente, uma das maiores dificuldades que esbarramos na escola é em relação ao respeito entre os educandos e talvez você esteja se perguntando:



Como podemos ensinar os educandos a ouvirem e interagirem de forma respeitosa?

Trabalhar em grupo pode contribuir com o desenvolvimento dessa escuta tão fundamental, pois possibilita aprendizados importantes como, ter uma discussão racional e organizada, planejar e realizar uma atividade, com base na articulação do grupo, além dos aspectos como estimular a cooperação e solidariedade como pontuado anteriormente (Cohen; Lotan, 201, p.19).

A interação entre os educandos quando trabalham juntos é ainda um fator que proporciona suporte àqueles que não se apropriaram da leitura e escrita, ou que não compreenderam as instruções da tarefa, pois poderão ser auxiliados pelos colegas.

O TRABALHO EM GRUPO É SEMPRE A MELHOR ESTRATÉGIA?

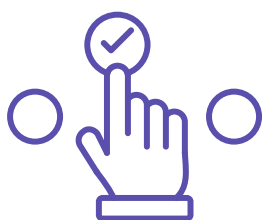
São muitos os benefícios que encontramos ao optar por essa proposta, mas isso não quer dizer que o trabalho em grupo seja eficaz em qualquer circunstância. É necessário que o educador observe se essa é a melhor via para alcançar as aprendizagens propostas em seu planejamento, pois propostas que envolvam atividades como memorização, aplicação de regras, resolver uma lista de exercícios que estão no mesmo formato ou um questionário, não são boas opções para serem desenvolvidas em grupo, nesses casos, é muito provável que os educandos copiem as respostas uns dos outros (Cohen; Lotan, 2017, p.10).

Embora, muitas vezes consigamos adaptar a atividade proposta para que ela seja desenvolvida em grupo e deste modo, possamos usufruir de todas as vantagens abordadas até aqui, em algumas situações essa adaptação não será vantajosa, por exemplo:

Caso a atividade:

- Não necessite de interação.
- Não seja produtiva para todos os integrantes do grupo.
- Não dê aos educandos autonomia para executarem sozinhos (mesmo sob a supervisão do professor).

Nessas circunstâncias, é válido considerar que a proposta seja realizada individualmente.

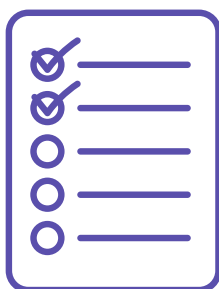


Estes são elementos para que o educador consiga avaliar na hora do planejamento qual a melhor estratégia para cada tipo de atividade desenvolvida com os educandos, sabendo as potencialidades de cada metodologia.

ETAPAS DO PLANEJAMENTO PARA O TRABALHO EM GRUPO

“ A maneira pela qual os alunos vão trabalhar juntos depende do seu objetivo para usar o trabalho em grupo e do tipo de interação que você deseja que seus alunos tenham. (Cohen e Lotan, 2017, p.60).

O trabalho pedagógico em grupo é uma situação de ensino e aprendizagem de grande relevância que visa promover a cooperação, o desenvolvimento social e a aprendizagem entre os educandos.



Para organizar e estruturar o trabalho em grupo de forma eficaz, é necessário considerar alguns aspectos, tais como ter objetivos claros para que os educandos entendam o propósito de cada atividade e assim se envolvem plenamente no processo. Na fase do agrupamento, os alunos devem ser dispostos de forma estratégica de acordo com habilidades, em diferentes níveis e interesses a fim de promover uma aprendizagem colaborativa.

Dessa forma, cabe ao professor a orientação e a mediação dos grupos, fornecendo estrutura, diretrizes e sanando dúvidas.

É essencial que o professor acompanhe o progresso do trabalho realizado pelos agrupamentos, visando garantir que cada educando tenha voz e vez, contribuindo ativamente.



Vale lembrar que é sempre positivo o desenvolvimento de atividades que exijam a colaboração entre todos os componentes do grupo, com problemas reais e tarefas que exijam interação.

“ Independentemente de qual seja a estrutura de trabalho conjunto escolhida, a questão da responsabilização é central e deve ser abordada de forma explícita desde o início. Seus alunos serão bem-sucedidos no trabalho em grupo se você tornar os indivíduos e os grupos responsáveis pelo trabalho por meio de avaliações formais e informais do processo em que estão envolvidos e pelos produtos de seu trabalho coletivo e individual. Avaliações formativas e somativas são os mecanismos pelos quais grupos e indivíduos são responsabilizados por engajamento e desempenho de alta qualidade.

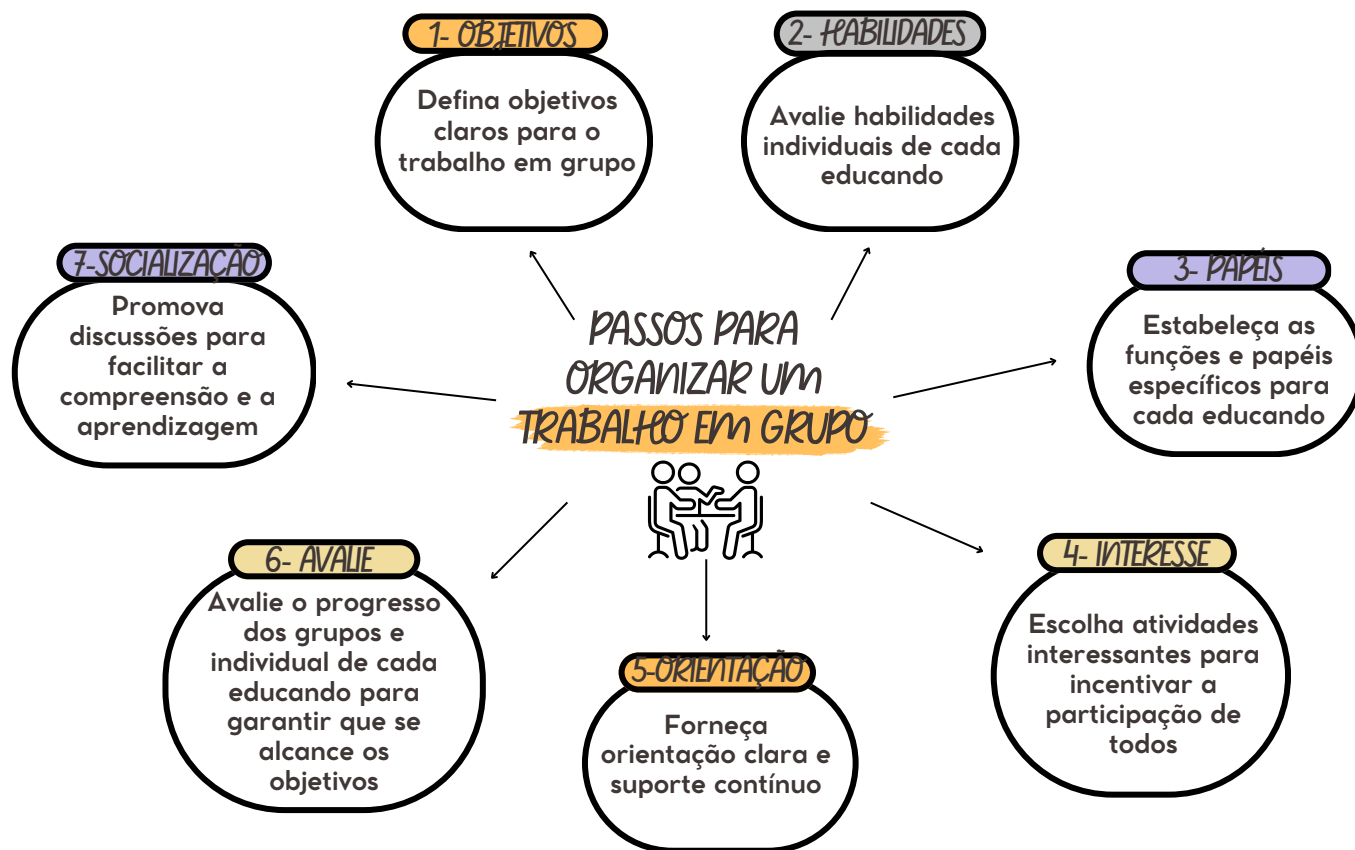
(Cohen e Lotan, 2017, p.62).

Nesse sentido, **é importante que o professor observe os grupos como um todo, e ainda, a forma como os educandos se comportam dentro dele individualmente**, se há educandos sem ocupação por escolha, por se ausentar do grupo, ou até mesmo se alguém foi “deixado de lado”, pelos demais.



Trabalhar em grupo oferece oportunidades para desenvolver habilidades como comunicação, empatia e resolução de conflitos.

Acompanhe no esquema abaixo os passos para organizar um trabalho em grupo:









PAPÉIS E RESPONSABILIDADES DENTRO DOS GRUPOS



Dentro da abordagem do trabalho em grupo, cada educando possui um papel específico que vai contribuir com a execução da atividade. **Definir papéis específicos (funções) para cada membro do grupo é importante**, para que a proposta seja bem desenvolvida, pois, deste modo cada um recebe uma responsabilidade que deverá cumprir e reconhece sua participação no processo.

Além disso, dar atribuições dificulta que um membro tenha o domínio sobre os demais, reduzindo a não participação dos educandos, visando o funcionamento tranquilo dos grupos .

Abaixo segue o quadro em que Cohen (2017) propõe uma possibilidade de organização das atribuições de cada educando.

	Facilitador	É o aluno que se certifica que todos tenham a estrutura necessária para a realização da tarefa.
	Verificador	Aquele que se certifica que todos completaram seu relatório de forma individual.
	Organizador	Responsável pela organização dos materiais do centro de aprendizagem.
	Gerenciador	Responsável por obter o material e o recurso.
	Oficial de segurança	Responsável por supervisionar os outros educandos.
	Relator	Organiza o relatório do grupo para apresentação.

Outro aspecto relevante sobre a atribuição de papéis e que deve ser levado em consideração pelo professor é quanto a aceitação por parte dos componentes do grupo, Cohen e Lotan (2017, p.114) elucidam que para garantir eficácia na atribuição de papéis são necessárias algumas recomendações:

1. Tornar pública a atribuição de tarefa para cada componente, com isso os outros membros reconhecerão a autonomia e autoridade daquele que teve o papel atribuído;
2. Fazer rodízio de papéis, ao término todos poderão desempenhar os diversos papéis;
3. Especificar detalhadamente o que cada pessoa deve fazer no papel atribuído;
4. Certificar que cada um do grupo saiba as responsabilidades de cada papel.

As recomendações facilitarão a compreensão de cada um, ou seja, cada componente fará o que foi orientado, este movimento permite, inclusive ao educando mais tímido, se colocar no grupo.

Apesar de apresentarmos essas sugestões de organização, é preciso ressaltar que para Cohen e Lotan (2017, p.112), **“existem tantas maneiras de dividir o trabalho dentro dos grupos e entre eles que o verdadeiro limite depende apenas da imaginação do professor”**, sendo assim destacamos que é essencial que o professor estabeleça como se dará essa organização de tarefas durante o planejamento da proposta.

COMO TORNAR O TRABALHO POTENTE?



Para desenvolvermos um bom trabalho com agrupamentos em nossa turma, é importante que os educandos possuam uma série de habilidades para seguir as orientações de forma cooperativa, criativa e sem que nenhum dos participantes assuma uma posição de dominância.

Essas habilidades dificilmente podem ser apreendidas por meio de uma aula expositiva, palestra ou discussões, no entanto, esses comportamentos são mais estimulados e melhor desenvolvidos por meio de atividades em que essas habilidades cooperativas sejam exercidas, como o uso de jogos e brincadeiras (Cohen e Lotan, 2017, p. 41).

Morris (apud Cohen e Lotan, 2017, p. 50), sugere o uso de algumas regras para evitar que nenhum educando domine a atividade, de modo que todos possam participar da solução do problema de forma coletiva, são elas:

- Informar suas próprias ideias.
- Escute os outros; dê a cada um a chance de falar.
- Peça aos outros suas ideias.
- Forneça argumentos para validar suas ideias e discuta muitas ideias diferentes.

Além de pensar sobre definição de papéis e sobre atividades que estimulem o desenvolvimento da cooperatividade, **o professor precisa definir como irá orientar cada grupo de forma a manter a autonomia dos educandos**. Cohen e Lotan (2017) propõem disponibilizar cartões com as instruções do que os grupos devem fazer, isso para os educandos que já possuem o domínio da leitura e escrita. No entanto, é importante que esses cartões de tarefas sejam elaborados com equilíbrio:

“ Por um lado, eles precisam ser claros o suficiente e incluir uma quantidade de detalhes capaz de fazer os alunos prosseguirem sem a sua ajuda. Por outro lado, as indicações precisam ser abertas e não determinadas a ponto de reduzir a riqueza das descobertas a serem obtidas pela discussão coletiva. A solução para o problema colocado aos alunos não pode ser óbvia. Ao recusar a oferta de uma resposta rápida aos pedidos de ajuda do grupo e ao encorajá-lo a resolver alguns dos problemas, você pode ajudar os alunos a aprenderem que têm a capacidade de lidar com a incerteza por conta própria.

(Cohen e Lotan, 2017, p.87).

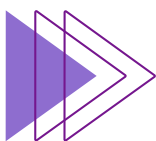
Para educandos que não se apropriaram ainda do sistema de escrita, podemos disponibilizar orientações simples de forma coletiva, com instruções visuais e ainda disponibilizar os materiais ou recursos manipuláveis, que serão necessários para solucionar o problema em questão, sem dar todas as orientações do como esses materiais podem ser utilizados para a solução do problema.



O erro mais comum nas instruções escritas é o de fornecer detalhes demais, como se os professores estivessem ensinando um indivíduo a realizar uma tarefa técnica etapa por etapa. Essa abordagem, desenvolvida para fornecer o máximo de certeza possível, tem um efeito paralisante na discussão do grupo, pois sobra muito pouco para ser discutido.

(Cohen e Lotan, 2017, p.87).

A proposta dos autores citados, sugere ainda, o uso de um cartão de recursos ou referências para os alunos mais velhos, com informações úteis e indicações de sites, por exemplo.



O que queremos destacar é que existem várias possibilidades de trabalhar agrupamentos, desde que seja trabalhado de forma intencional e adaptada para a modalidade de ensino desejado.



Os estudantes são organizados em grupos e realizam diferentes desafios distribuídos em rotações, com atividades que independem do acompanhamento direto do professor. Valorizam-se os momentos colaborativos e individuais. Após determinado tempo, precisamente combinado, os grupos fazem o revezamento das estações, de forma que todos passem por todos os espaços, e, em cada uma das estações, ocorre uma atividade diferente que os auxilia na consolidação do conhecimento. É uma proposta que visa integrar teoria e prática.

(Camargo; Daros, 2021, p.152).

Para saber mais

Sugerimos as leituras:

Planejando o trabalho em grupo: Estratégias para Salas de Aula Heterogêneas.
- Elizabeth G. Cohen e Rachel A. Lotan.

Tornando visível a aprendizagem: crianças que aprendem individualmente e em grupo. - Project Zero, Reggio Children.

E agora, gestor?

Durante a leitura desta revista fomos provocados a pensar sobre a relação da Concepção de educação com a Metodologia de ensino, assim como, também nos foi dito por repetidas vezes, que metodologia é o caminho para atingir um objetivo (Libâneo, 1994). Diante desta premissa fica a interrogação:



Na metodologia cabe toda e "qualquer" prática?

Para trazer entendimento sobre este questionamento, é fundamental revisitarmos a relação histórica entre **Concepção de Educação** e **Metodologia de Ensino**.

Atenção Gestor!



Ao relacionar Concepção de Educação e Metodologia de ensino, não se pretende aqui, descrevê-las detalhadamente ou analisá-las profundamente. O objetivo é destacar de modo sintético, características que auxiliem na identificação de Concepções de Educação intrínsecas as Metodologias utilizadas na prática pedagógica. A identificação poderá convergir em possibilidades de atuação na gestão escolar

Concepção tradicional de educação e Metodologia de ensino

Esta concepção considera que metodologia de ensino consiste em um processo de instrução organizado de forma lógica. Tal lógica seria exclusiva das mentes adultas, plenamente desenvolvidas e com certo status profissional, como por exemplo, filósofos, pesquisadores, cientistas, intelectuais. A prática educativa realizada traz como foco principal os procedimentos, pois nesta visão tradicional, os conteúdos (o que ensinar), os sujeitos (a quem ensinar), e os contextos (onde ensinar) não são considerados didaticamente estruturantes. Em síntese a metodologia de ensino é entendida como um conjunto de procedimentos, destinados a transmitir todo e qualquer conhecimento universal e sistematizado (Manfredi, 1993).

Concepção tecnicista de educação e Metodologia de ensino

Impulsionada pelo desenvolvimento tecnológico e industrial e tendo como base a necessidade de mão de obra qualificada para atuação no mercado de trabalho, esta concepção priorizava a técnica e a reprodução sistematizada, em detrimento das relações afetivas professor-aluno, subordinando as práticas educativas a única função de preparação. A metodologia de ensino é entendida como meramente instrumental, em síntese, é como uma estratégia de aprimoramento técnico, no sentido de garantir maior eficiência e eficácia ao processo de ensino-aprendizagem (Manfredi, 1993).

Concepção crítica de educação e Metodologia de ensino

Esta concepção de educação surge no contexto das propostas de democratização da escola, como uma forma de crítica e negação a concepção centrada na transmissão (tradicional) e na concepção meramente instrumental (tecnicista). Realizando-se por meio das reflexões críticas sobre a realidade vivida ressaltando a dimensão sócio-política da escola, e fundamentando-se em abordagens históricas, como por exemplo, a Pedagogia do Oprimido (Freire, 1968). A metodologia de ensino é em síntese, como ações que visam garantir o processo de reflexão crítica sobre a realidade vivida, percebida e concebida, tendo em vista a transformação desta realidade (Manfredi, 1993).

Concepção histórico-dialética de educação e Metodologia de ensino

Inspirada no desenvolvimento integral do ser humano, esta concepção de educação se opõe a reprodução de modelos e padrões pré-estabelecidos e acriticamente perpetuados. Apoia-se na pluralidade de ideias, nas contradições e conflitos a serem discutidos coletivamente, compreendendo a Educação como processo emancipatório e libertador, realizado por meio de diálogo entre os envolvidos. Nesta concepção, as ações educativas devem ampliar as possibilidades de todos ocuparem um lugar social. A metodologia de ensino é em síntese, prática social reflexiva centrada no educando e em sua aprendizagem e deve ser adaptada a cada contexto visando o desenvolvimento contínuo e integral do humano (práxis).

Com este breve contexto é possível perceber que a Metodologia de ensino, também é produto histórico-social, e relaciona-se diretamente com o que se compreende por ser humano, educação e sociedade. De uma perspectiva de gestão escolar, muitas outras reflexões sobre Metodologia caberiam neste espaço, porém, é na escola, na construção diária com a equipe docente que este tema ganhará mais consistência, principalmente se as relações entre equipe gestora e equipe docente estiverem alicerçadas em reflexões que mobilizam experiências pedagógicas vivas e transformadoras.

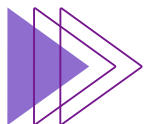
Materializando a prática: documentação e registros

POR QUE DOCUMENTAR?



A importância da documentação é enorme. Sem documentação, nenhum processo pedagógico se consolida. Serve para reflexão e construção pedagógica.

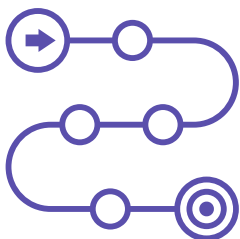
(Rede Territorial de Educação Infantil da Catalunha, 2021, p.19)



Antes de documentar devemos nos perguntar: que tipo de documentação quero fazer? Por que? Para quem?

Ao responder a tais perguntas será mais fácil definir o que esperamos enquanto documentação e quais instrumentos utilizaremos para realizá-la, pois ao observar situações educativas, tudo pode parecer importante, no entanto, é fundamental não “perder de vista” o contexto, mantendo o foco em “coisas específicas”.

Segundo Rinaldi (2014, p. 86) “é impossível, de fato, documentar sem observar e, obviamente, interpretar”. Logo, nossas observações, escuta e intencionalidade culminam no registro e na documentação das ações e produções de nossos educandos.



A documentação pedagógica apoia e sistematiza o acompanhamento da vida de nossos educandos na escola e, ao construir esse material, temos a possibilidade de fazer uma reflexão sobre o processo educativo, além de construir base para discussão, ressignificação e avaliação de práticas. Uma vez que, ao documentar nossas práticas, conseguimos “tornar visíveis” as aprendizagens de nossos educandos, conforme afirma Malaguzzi:



É importante que crianças e adultos possam voltar a olhar seus próprios passos, seus processos de conhecimento por meio de uma situação que é possível, graças à observação, à documentação e à interpretação.

(Rede Territorial de Educação Infantil da Catalunha, 2021, p. 24)

Dessa forma, a documentação pedagógica possibilita uma reflexão tanto para educadores quanto para educandos, famílias e comunidade escolar; além de evidenciar os percursos e processos ocorridos na construção das aprendizagens.

POSSIBILIDADES PARA DOCUMENTAR: INSTRUMENTOS E FERRAMENTAS



Outra questão é decidir que tipo de instrumentos escolhemos para documentar cada situação com um grupo concreto de meninos e meninas em nossa escola: a cotidianidade, a subjetividade, os projetos.

[...] pois, será o conjunto de instrumentos de documentação que dará uma perspectiva do conjunto de toda a experiência de meninos e meninas na escola

(Mello; Barbosa; Faria, 2017, p. 34).

A documentação pedagógica é uma ferramenta essencial no processo educacional, oferecendo diversas possibilidades para enriquecer a prática dos educadores e promover o desenvolvimento dos educandos, além de ser um instrumento de comunicação. **Para decidir sobre qual a melhor ferramenta a ser utilizada, devemos pensar qual o foco do desenvolvimento queremos priorizar:** para oralidade o instrumento de áudio, para movimentos, comportamentos, interação, os vídeos seriam mais adequados, já para produções artísticas uma exposição pelas paredes da escola, por exemplo.

Enfim, existem diversos tipos de documentação a fim de que o progresso dos educandos seja acompanhado, analisado e registrado. Dentre eles podemos citar:

Diários de classe

registros diários com observações específicas de cada educando

Portfólios

agrupamento de atividades realizadas pelos educandos em um período pré-determinado demonstrando a evolução das aprendizagens

Registro fotográfico

Fotos tiradas durante a execução de atividades diversas que permitirão uma observação posterior

ALGUMAS POSSIBILIDADES DE Documentação

Painéis na parede

exposição nas paredes das atividades realizadas pelos educandos

Avaliações e provas

Testes e exames escritos para verificação das aprendizagens

Áudios

gravar áudios nos quais o educando se expressa, oraliza, questiona, interage.

Gráficos de desempenho

ilustrações por meio de gráfico representando a evolução de cada educando (tendo sempre como base ele mesmo para não gerar competição)



De toda essa riqueza da vida cotidiana, o que conseguimos ver da rede complexa de relações e de coisas que acontecem? O que poderia nos ajudar a vê-la melhor? [...] cada experiência requer uma maneira diferente de ser tratada, coletada e documentada.

(Mello; Barbosa; Faria, 2017, p.36).



Fonte: Portal SE, 2023.

Essas foram apenas algumas ideias, mas você pode explorar, criar e documentar da forma como preferir!

Conectando ideias



Nossa proposta é que você consiga perceber que **cada escolha pedagógica importa**, pois elas revelam nossas concepções de educação, de sujeito e de mundo, portanto ao planejar precisamos nos debruçar para que nossas propostas estejam alinhadas ao que acreditamos e aos nossos objetivos.

A prática docente



Na sala de aula é preciso priorizar a importância de escolher cada uma das propostas que fazemos de forma intencional com vistas aos nossos objetivos, pensando em como podemos potencializar ao máximo as aprendizagens, incentivar o pensamento crítico, estimular a criatividade, o protagonismo e o trabalho colaborativo. É muito importante que, ao longo do desenvolvimento das propostas, não nos esqueçamos do objetivo planejado lá no início.

REVELANDO O PROCESSO



Sintetizar e comunicar nos ajuda a aprender o nosso trabalho.
(Mello; Barbosa; Faria, 2017, p.40).

Mello, Barbosa e Faria (2017) ao relatarem sobre os destinos das produções dos educandos em Reggio citam que:

Algumas produções vão para casa uma vez por ano (às vezes são presentes para momentos específicos) e outras são mantidas na escola durante os três anos, sempre disponíveis nas prateleiras para crianças e famílias. Meninos e meninas gostam muito de ver o que faziam quando eram menores, o que, além do prazer de se verem mais velhos, pode dar origem à reflexão.

(Mello; Barbosa; Faria, 2017, p.40).

Podemos notar que os educandos demonstram prazer ao ver suas produções antigas e que esse momento de retomada pode dar origem a algumas reflexões.

Quando temos a oportunidade de analisar nossas atividades antigas, podemos perceber nossos avanços e superações, quantas coisas novas aprendemos e até mesmo, identificar pontos que continuamos com dificuldade.

REGISTRO AVALIATIVO E RELATÓRIO: DOCUMENTANDO PARA AS FAMÍLIAS



[...] documentando se deixa marcas permanentes do trabalho educativo e das experiências das crianças e se oferecem para a discussão e reflexão com outros adultos, pais professores, cidadãos.
(Mello; Barbosa; Faria, 2017, p. 89-90).



As famílias exercem papel fundamental na vida dos educandos. São elas que contribuem para significar a escola na vida dos pequenos desde muito cedo, motivando e valorizando cada experiência vivida. É na escola que as crianças (e alguns jovens e adultos) iniciam o processo de socialização com um grupo que não é parte do seu contexto social.

Com isso, faz-se necessário documentar o processo de aprendizagem, compartilhando experiências com as famílias e assim, inseri-las no mundo escolar dos filhos, algo muito positivo, que pode proporcionar parcerias fundamentais.

PREFEITURA DE GUARULHOS
Secretaria de Educação
Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas

REGISTRO AVALIATIVO
EDUCAÇÃO INFANTIL
De 0 a 3 anos

EDUCANDA(I):
Filiação: _____
Responsável: _____
Naturalidade: _____ Estado: _____ Nacionalidade: _____
Data de nascimento: _____ Sexo: Masculino Feminino

UNIDADE ESCOLAR	Ano/Ciclo	Turma	Série	Ano Letivo

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

LEGENDA
A - APROVADO DE OBJETIVOS
AP - APROVADO PARCIALMENTE OS OBJETIVOS
NS - NÃO APROVADO OS OBJETIVOS

CAMPOS DE EXPERIÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE 0 A 3 ANOS	I			II			III			INTERVAL
	1º B	2º B	3º B	1º B	2º B	3º B	1º B	2º B	3º B	
Vida, saúde e bem-estar										
Corpo, gestos e movimento										
Trança, sons, cores e formas										
Escuta, fala, pensamento e imaginação										
Esprego, tempo, quantidade, relação e localização										

Diante dessa premissa, o Registro Avaliativo, importante instrumento construído de acordo com as demandas estabelecidas pelos educadores da Rede Municipal de Educação de Guarulhos, atrelado aos relatórios das aprendizagens construídas, despontam como meios de apresentar as experimentações cotidianas aos responsáveis, por meio da leitura e reflexão. Por isso, a importância de que seja escrito com uma linguagem clara e acessível às famílias, sobretudo nos relatórios.



Seus relatórios dão conta de revelar as aprendizagens dos educandos, sendo lidos por “não profissionais” da educação?



Pense nisso...

Os relatos de experiências das práticas docentes trazem situações pedagógicas nos quais os registros são fundamentais para revelar as aprendizagens, favorecer a criação de parceria junto a(as) família(as), ou ainda onde percebemos que é necessário repensar o processo de documentação para evidenciar as aprendizagens construídas pelos educandos.

E agora, gestor?



A documentação oferece ao educador uma oportunidade única de tornar a escutar, ver e visitar (“reconhecimento”), individualmente ou com outros, eventos e processos nos quais foi coprotagonista, tanto direta quanto indiretamente. Essa revisitação é a ocasião para interpretar os vários documentos produzidos, junto com nossos colegas, dando sentido aos eventos que aconteceram e, então criando significações e valores comuns. Além disso, como planejar envolve essencialmente a formulação de hipóteses e a previsão de contextos, instrumentos, oportunidades e relevância dos processos de aprendizagem e dos desejos das crianças, a documentação passa a ser o coração, a especificidade de cada projeto próprio. Para nós, nem sempre é possível documentar dessa forma tão abrangente, mas, quando conseguimos, a documentação se converte num processo de verdadeira criatividade e de crescimento para todos os envolvidos. É o autêntico processo de formação profissional do educador.

(Rinaldi, 2020, p.112)



Fonte: Portal SE, 2023.

Chegamos ao final de mais uma etapa de nossas conversas sobre gestão escolar, na expectativa que tenha sido uma trajetória repleta de aprendizagens. Lembre-se que os temas discutidos buscaram ampliar a compreensão sobre a metodologia, uma temática fundamental ao fazer pedagógico e que tem como premissa favorecer a aprendizagem do educando.

Para saber mais

Sugerimos as leituras:

Documentação pedagógica: teoria e prática. - Suely A. Mello, Maria C. S. Barbosa e Ana L. G. de Faria.

Documentar: um novo olhar. - Rede Territorial de Educação Infantil da Catalunha.

Documentação pedagógica: caminhos para continuidade e identidade da escola. - Ana Tereza G. A. M. Mariotti, Aparecida B. Benevenuto, Fernanda Dodi e Guilherme Adami.

Referências

- ANTÔNIO, S.; TAVARES, K. **O voo dos que ensinam e aprendem: uma escuta poética**. 1 ed. Cachoeira Paulista: Editora Passarinho, 2020.
- BACICH, L. HOLANDA, L. **STEAM em sala de aula: a aprendizagem baseada em projetos integrando conhecimentos na educação básica**. Porto Alegre: Penso, 2020.
- BENDER, W. **Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- CAMARGO, F.; DAROS, T. **A sala de aula digital: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo, on-line e híbrido**. Porto Alegre: Penso, 2021.
- CARBONELL, J. **Aventura de inovar: a mudança na escola**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- CHILDREN, R. **Tornando visível a aprendizagem: crianças que aprendem individualmente e em grupo**. São Paulo: Phorte, 2014.
- COHEN, E. G.; LOTAN, Rachel A. **Planejando o Trabalho em Grupo: Estratégias para Salas de Aula Heterogêneas**. 3 ed. Porto Alegre: Penso, 2017.
- FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho: ensinar-aprender com sentido**. 2 ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2011.
- GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1989.
- GANDIN, D. **Planejamento como prática educativa**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- HOFFMANN, J. **Avaliação: mito e desafio**. 44 ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- KISHIMOTO, T. M. (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14 ed. São Paulo: Cortez editora, 2011.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Editora Cortez, 2013.
- LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico**. São Paulo: Cortez, 2011.
- LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática**. 2 ed. Salvador: Malabares: 2005.
- LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 20 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MACEDO, L de; PETTY, A. L. S; PASSOS, N. C. **Aprender com jogos e situações-problema**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- MANFREDI, S. M. **Metodologia do ensino: diferentes concepções**. Campinas: FE, 1993.
- MASETTO, M. T. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia**. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 17 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

MEIER, M.; GARCIA, S. **Mediação da Aprendizagem**: contribuições de Feuerstein e Vygotsky. 7 ed. Curitiba: Edição do autor, 2007.

MELLO, S. A.; BARBOSA, M. C. S.; FARIA, A. L. G. de (org.). **Documentação pedagógica**: teoria e prática. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

MENEGOLLA, M; I. SANT'ANNA, I. **Por que planejar? Como planejar?** São Paulo: Editora Vozes, 2011.

MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre, Penso, 2018.

MUNHOZ, A. S. **ABP**: Aprendizagem baseada em problemas - ferramentas em apoio ao docente no processo de ensino e aprendizagem. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

OLIVEIRA, C. F. de; HACKBART, J. **Jogos e brincadeiras na Educação Infantil**. Revista Castelo Branco Científica. Pancas, nº 4, p. 1-15, jul./dez. 2013.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2005.

PERRENOUD, P. Não mexam na minha avaliação! Para uma aprendizagem sistêmica da mudança pedagógica. In: ESTRELA, A.; NÓVOA, A. **Avaliações em educação**: novas perspectivas. Porto, Pt: Porto Editora, 1993.

PREFEITURA DE GUARULHOS. Secretaria de Educação. **Proposta Curricular**: Quadro de Saberes Necessários. Caderno Introdutório. Guarulhos, 2019. Disponível em: <https://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/portal/exibir/arquivo/8333/inline/>. Acesso em: 20 fev. 2024.

REDE Territorial de Educação Infantil da Catalunha. **Documentar**: Um novo olhar. Tradução: Sonia Larrubia Valverde; Suely Amaral Mello. São Carlos: Pedro & João, 2021. Título original: Documentar, una mirada nova, Associació de Mestres Rosa Sensat. Edição de 2012.

RIBEIRO, L. R. de C. **PBL Aprendizagem baseada em problemas**: uma experiência no ensino superior. 3 ed. São Carlos: EdUFSCAR, 2022. E-book

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia**: Escutar, investigar e aprender. Tradução: Vania Cury. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020. Título original: In Dialogue with Reggio Emilia.

SILVA, G. B. da; GASPARIN, J. L. **A mediação pedagógica em Vigotski, Comênio, Herbart, Dewey e Skinner**. Curitiba: Appris, 2020.

TAILLE, Y. de la.; OLIVEIRA, M. K. de.; DANTAS, H. **Piaget, Vigotski, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 2019.

TERZI, C. do A.; MARTINS, J. C.; PIMENTEL, L. da S. L. **Sala de Aula**: quando eu entro e fecho a porta... Quando eu entro e abro a porta.... Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação da aprendizagem**: práticas de mudança por uma práxis transformadora. 5 ed. São Paulo: Libertad, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

